

DEPÓSITO FISCAL
14. JAN. 1976



LUTA POPULAR

ÓRGÃO CENTRAL DO
MOVIMENTO REORGANIZATIVO
DO PARTIDO DO PROLETARIADO
ANO IV • N.º 18 • 30-5-1974 • PREÇO 1\$00

editorial

AS TAREFAS DO PROLETARIADO REVOLUCIONÁRIO

A revolução está na ordem do dia. Prepara-se febrilmente a reacção para a combater e esmagar; e prepara-se activamente a vida para a desenvolver e realizar. A morte ou a vitória da revolução — tal é, em síntese, o significado profundo da agudíssima luta actual que se trava no nosso país entre as duas classes (a burguesia e o proletariado), entre os dois caminhos (o do capitalismo e do socialismo) e entre as duas linhas (a revisionista do P⁴C³P e a marxista-leninista-maoísta do nosso Movimento).

Cada classe, cada partido esforça-se por fixar a sua táctica, a sua linha de conduta, a sua atitude em relação ao Poder, em relação às outras classes ou camadas de classe, e em relação aos outros partidos.

No fundamental, extremam-se e clarificaram-se os dois campos abertamente antagonísticos. E, enquanto cada um dos dois inimigos inconciliáveis — a burguesia e o proletariado — organiza a parte que lhe cabe no teatro de operações, cava as respectivas trincheiras, se exercita, se fornece de armas e munições, na perspectiva da formidável batalha que se avizinha, as camadas sociais intermédias iniciam a sua movimentação, com vista a ocupar posição para o combate do lado de um ou de outro dos principais contendores.

Da mesma maneira que a amplitude e a profundidade do movimento revolucionário em acção não pode escapar a ninguém, também os problemas políticos e ideológicos que a respeito dele se levantam não podem deixar indiferente nenhum elemento do povo e, muito menos, do proletariado consciente. E o desfecho da Revolução Democrática Popular o que, no fundo, está em jogo.

A burguesia reúne todas as forças reacţionárias, desde os fascistas aos revisionistas de todos os matizes, e reforça a sua coligação; a tarefa do proletariado revolucionário consiste em agrupar todas as forças da revolução e uni-las estreitamente.

A burguesia realiza o golpe de estado militar do 25 de Abril, capta para o poder os liberais, sociais-democratas e revisionistas, senta-os a todos à mesa do orçamento, procurando engrossar as fileiras da contra-revolução; o proletariado revolucionário, tal como o fez e faz para as camarilhas fascistas anteriores, deve denunciar perante toda a gente a fisionomia reacţionária da Junta, do Governo Provisório e respectivos lacaios, alargando as fileiras revolucionárias.

A burguesia pretende romper a frente única do povo português com os povos irmãos das colónias, pretende socavar a unidade no seio dos movimentos de libertação nacional dos países que domina, pretende dividir o movimento revolucionário em Portugal; o proletariado revolucionário deve cerrar fileiras, unir à sua volta os camponeses e demais camadas revolucionárias da população, reforçar a frente única com os Povos irmãos das colónias e passar a um ataque geral e simultâneo, visando a tomada do poder.

Deixemos que os escroques revisionistas agitem o espantinho do fascismo. Nós sabemos que o fascismo continua a existir, está presente e oprime o Povo. O fascismo é um produto do sistema capitalista, e a única forma de acabar com ele é levar a revolução até ao fim, de maneira firme e consequente.

Pretender que a Revolução deve ser travada — como se acaso isso fosse, em definitivo, possível! Sob o pretexto falso e hipócrita de que o fascismo já foi abatido, não conduz a outra coisa senão à derrota dos explorados, permitindo aos exploradores ganhar tempo, num momento em que estão com a corda a apertar-se-lhes em volta do pescoço e antevêem o seu fim inevitável.

Deixemos que os escroques do partido do Ministro Barreirinhas Cunhal ataquem o poderoso movimento grevista em curso. Esse movimento esmagá-los-á implacavelmente. Porque não são as greves a causa da crise e do caos económico, mas precisamente uma forma de luta resultante do caos e da crise congénitos do sistema de exploração do homem pelo homem.

O actual movimento grevista permite à classe operária exercitar os músculos e o cérebro, unir-se como um todo único à volta da sua direcção revolucionária marxista-leninista-maoísta — e é por isso que os biltres revisionistas o atacam desesperadamente. Ao fim e ao cabo, é a sua sobrevivência de lacaios o que defendem.

Continuação pág. 3

NEM MAIS UM EMBARQUE!

Inicialmente confundidos quanto às promessas da Junta de pôr termo à criminosa guerra colonial, acenando com a paz, cedo surgiria claro para os soldados e marinheiros a natureza destas promessas quando, poucos dias após o golpe militar, viram reiniciar-se os embarques para as colónias.

Abandonando as ilusões, seguindo as justas palavras de ordem: "Nem mais um embarque", " regresso dos soldados" e, agrupando-se em torno da classe operária e da sua vanguarda revolucionária, o MRPP, e levando à prática as tarefas apontadas pela sua organização de unidade revolucionária, a RPAC, os soldados e marinheiros passam a uma poderosa ofensiva, que impetuosamente assola os quartéis de norte a sul do país.

Ao quebrarem por completo a disciplina militarista, que a Junta e o Governo Provisório recomoçam a reforçar, ao ripostar à repressão que os "democratas" militaristas abatem sobre eles, os soldados e marinheiros cumprem com o seu objectivo de, como filhos do Povo, sabotarem, boicotarem e paralizarem o exército colonial da burguesia, suporte principal da sua exploração e opressão sobre os povos portugueses e das colónias.

Ao tomarem nas mãos a bandeira da Separação e Completa Independência para os Povos das colónias, como único caminho para conquistar a Paz, recusando-se colectiva ou individualmente aos embarques;

desertando, por vezes com armas, para as colocar ao serviço do Povo; exigindo o regresso dos seus camaradas e denunciando as manobras impostoras utilizadas pela Junta e pelo Governo Provisório para prosseguir a agressão aos povos das colónias — os soldados e marinheiros cumprem com o seu objectivo revolucionário de lutar pela Paz, ombro a ombro com o Povo a que pertencem.

Este programa revolucionário autónomo que a classe operária aponta aos soldados e marinheiros e que estes optem ao programa dos revisionistas do partido do Cunhal que, sob a capa da "unidade das forças armadas (colonialistas) e do Povo" pretendem iludi-los e levá-los a consolidar o poder da burguesia e da sua Junta e Governo Provisório.

Ao papel que a Junta e estes traidores "comunistas", querem deste modo cada vez mais, atribuir às massas de soldados e marinheiros, de reprimir as justas lutas do povo oprimido — que há bem pouco tempo lhe diziam estar a "libertar" os soldados e marinheiros têm respondido e responderão sempre, confraternizando com as massas populares em luta, recusando-se a disparar e voltando as suas armas contra a burguesia. Desta determinação são exemplos o comportamento adoptado por eles ao serem enviados para bairros populares, no sindicato das costureiras, no Hospital Militar Principal em Lisboa, etc...

Reforçar a unidade e organização revo-

lucionárias, prosseguir e intensificar a luta no exército colonial, não pactuando com quaisquer demagogias da Junta e do Governo Provisório por mais "liberais" e "democratas" que aparentemente ser — eis o caracteriza a vaga impetuosa do combate dos soldados e marinheiros.

Para consolidar e alargar as vitórias que dia a dia vêm obtendo com as suas lutas, para as tornar totalmente consequentes em relação à vitória da Revolução, cabe neste momento aos soldados e marinheiros multiplicar as reuniões e assembleias no interior dos quartéis, forjar aí a sua organização, erguendo os Comitês de soldados e marinheiros aprovar nelas medidas destinadas a organizar a RECUSA COLECTIVA AOS EMBARQUES E A DESERÇÃO EM MASSA E COM ARMAS, e bem assim a RESISTÊNCIA à repressão militarista e o castigo dos seus principais agentes.

Sendo os mesmos os interesses e aspirações que ligam os soldados e marinheiros ao Povo trabalhador, de onde foram arrancados e incorporados à força no exército colonial, a eles caberá sempre colocar-se a seu lado e, com as armas que a burguesia exploradora é obrigada a por-lhes nas mãos, lutar ombro a ombro com ele pela vitória da Revolução Democrática e Popular e pela realização dos seus grandes e justos objectivos — o Pão, a Paz, a Terra, a Liberdade, a Democracia e Independência Nacional.

FOGO SOBRE O REVISIONISMO!

O PRINCIPAL INIMIGO DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO PORTUGUÊS

O documento sobre a situação política actual que o M⁴D³P publicou é um resumo actualizado das principais preocupações sentidas neste momento pela burguesia e também, do programa que propõe para a sua actuação.

O M⁴D³P é no fim e ao cabo o P⁴C³P e como tal deve ser considerado. Por isso as análises são idênticas. Logo ao princípio se começa por tentar determinar quais são os principais inimigos das "aspirações populares", isto é, dos próprios revisionistas e da burguesia. Exclui-se o "contra-golpe reacţionário" para já. E excluindo-o viram todo o fogo das suas baterias contra a classe operária e as suas lutas. Para o M⁴D³P ela irá provocar o caos e daí virá o contra-golpe. Em resumo: trata-se de travar a todo o custo as lutas que por toda a parte se dão agitando para isso o espantinho do contra-golpe. E procurar convencer as massas que quanto

mais elas lutarem, mais armas darão à reacção. É necessário evitar a todo o custo "faltas de bens de consumo, paralização dos serviços públicos" que parecem ao M⁴D³P particularmente graves nestes dias pois são "elementos perturbadores de uma sociedade que enceta um caminho novo". Estas palavras são pronunciadas mesmo em cima de factos com a greve da Carris e dos padeiros de Lisboa. Para o ponto de vista em que o M⁴D³P se coloca estes factos são acontecimentos desastrosos e responsabilidade cabe aos trabalhadores. Eles põem sempre a questão de se saber se o patrão pode pagar o ordenado pedido mas não o de saber se os trabalhadores podem viver com os salários que lhe são pagos. Saliente-se que isto já não aparece como um conselho à classe operária mas sim como um aviso que lhe é feito. Vendo os conselhos e a sua orientação desprezada pelas massas os revisionistas mudam de tom e começam a falar em tom ameaçador. E aqui a ameaça-dirige-se tanto à classe operária acusada de falta de maturidade política, como àquilo que eles cha-

mam grupos aventureiros: isto é o MRPP.

GREVES E CAOS ECONÓMICO

Acusa-se sistematicamente as massas trabalhadoras, em luta pelas suas justas reivindicações de provocar o caos económico. Na verdade o caos económico é o próprio capitalismo com as suas taxas de desemprego, de inflação, com a economia inteiramente baseada no lucro e nos interesses egoístas de cada patrão. Quando um capitalista investe é para obter um certo lucro, ou a luta da classe operária contra a miséria e os salários de fome tem atingido as taxas de lucro da burguesia e daí que esta reaja ameaçando que investirá menos e criará a crise económica. Mas os responsáveis por esta situação não são os operários em luta pelo pão, mas sim a burguesia ávida de lucros, sempre interessada na maior taxa de exploração possível e que a todo o custo procura salvaguardar.

Continuação pág. 7

O POVO QUE OPRIME OUTRO POVO NÃO PODE SER LIVRE

Comunicados informativos da zona Karl Marx

A CARGA POLICIAL NO LARGO DA ESTRELA

O POVO PORTUGUES LIBERTARA PERALTA!
TODOS AO LARGO DA ESTRELA!

1. Desde o começo da noite passada que uma concentração e manifestação populares decorrem em frente do Hospital Militar Principal, à Estrela, em Lisboa, com o objetivo de protestar contra a manutenção ilegal e arbitrária da prisão de Pedro Peralta, de exigir a sua libertação imediata e de apoiar o justo espírito internacionalista militante que aquele cidadão cubano soube encarnar, ao decidir integrar-se nas fileiras da gloriosa luta armada do povo irmão da República da Guiné-Cabo Verde.

Cerca da meia noite, uma coluna de blindados do Regimento de Cavalaria 7, apoiando uma força de infantaria transportada em "Unimogs" e acolida por um destacamento da P. S. P., tudo sob o comando do major Neves (um novo nome para as funções até aqui desempenhadas pelos famigerados Maltês Soares e Pereira da polícia de choque) desemboca no Largo da Estrela, envolve os manifestantes e pretende fazê-los dispersar.

Acorrendo prontamente ao apelo do nosso Movimento, uma nova coluna de 300 manifestantes chega ao local da concentração creca da uma hora da madrugada, reforçando substancialmente as forças populares e a direção proletária da luta.

Os manifestantes deliberaram, então, não abandonar o local sem que Pedro Peralta seja libertado. Ao começo da manhã, a coluna do major Neves viu-se forçada a retirar do Largo da Estrela, deixando, todavia, no campo o destacamento da P. S. P.

Nós conclamamos todo o povo de Lisboa a dirigir-se urgentemente ao Hospital Militar Principal, para que se integre na manifestação aí concentrada e exija a libertação imediata de Pedro Peralta.

A luta pela libertação imediata de Peralta é uma justa luta contra o fascismo e pela Liberdade.

2. Mas não só.

No momento em que procurava alcançar-se ao Poder, a Junta de "Salvação Nacional" afivelou à pressa a máscara de combatente anti-fascista e de defensora da liberdade, com o fito de atrair aos seus interesses — aos interesses da classe que representa — as largas massas do povo português. É assim que a primeira declaração da Junta e um dos pontos fundamentais do movimento das forças armadas consistiam na libertação de todos os presos políticos de mocratas, anti-fascistas, revolucionários e anti-colonialistas.

É sabido de toda a gente que nem a Junta nem o movimento das forças armadas tinham qualquer intenção de cumprir o prometido, nesta como em outras promessas demagógicas, tanto que não era ainda extinto o som das suas declarações nem seca a tinta dos seus programas e já pretendiam continuar a manter na prisão uma parte importante dos presos políticos portugueses, assim como mantêm nos campos de concentração das colônias centenas de patriotas angolanos, moçambicanos e guineenses-cabo-verdeanos, e do mesmo modo que mantêm Peralta na prisão do Hospital Militar Principal.

O povo português não se deixou iludir e soube impôr à Junta, com determinação e firmeza, a libertação de todos os portugueses encarcerados pelo fascismo; e continuará a não deixar-se iludir, pelo que saberá desmascarar a Junta e o Governo Provisório e impôr-lhes, com igual firmeza e determinação, tanto a libertação imediata de Peralta como a de todos os patriotas das colônias ainda encarcerados nas masmorras colonialistas.

A luta pela libertação de Peralta é parte da justa luta do povo português pela separação e completa independência para os povos irmãos das colônias e, portanto, da luta do povo português para obter a Paz, com o regresso imediato dos soldados e a cessação dos embarques.

3. Mas não só.

De facto, a não libertação de Peralta tem ainda um outro significado. Porque é que a Junta e o Governo Provisório não querem li-

bertar Peralta? "Luta Popular", órgão central do nosso Movimento, respondia na sua edição de 5.ª feira: "... porque o imperialismo americano, através do Governo de Nixon e da C. I. A., impõe à Junta e ao Governo Provisório a sua troca por um provocador, agente qualificado da C. I. A., que se encontra prisioneiro em Cuba". Tal é aquilo que a Junta, no seu comunicado desta madrugada, qualifica de "imperativo do mais alto interesse nacional". E por isso é justo o que acrescenta "Luta Popular": "Peralta neste momento já não é um preso mas um refém. Perante a subserviência da Junta e do Governo Provisório face aos patrões ianques, o povo português só tem uma atitude: O POVO PORTUGUES VAI LIBERTAR PERALTA!".

Vê-se assim, clara e inequivocamente, que a luta para libertar Peralta é também uma luta contra os imperialistas estrangeiros, contra as suas ingerências nos assuntos internos do país, contra os seus ataques e violações da soberania nacional, isto é, uma justa luta pela Independência Nacional.

Acatando a justa palavra de ordem inserta em "Luta Popular" e beneficiando do exemplo duma primeira manifestação que, com esse mesmo objetivo, o nosso Movimento tinha convocado e havia realizado no passado dia 15, as massas populares levantam-se, exigem e vão libertar Peralta. Essa é uma tarefa que o povo e só o povo pode realizar. Esse é um dever indeclinável do povo.

4. A mais do que um título é significativa a oposição da Junta e do Governo Provisório à justa exigência popular de libertar Peralta. Porque é a Junta e o Governo Provisório que, empurrados pela justa luta das massas e pela firmeza revolucionária que revelam, se desmascaram a si próprios. Assim, tentando esconder do povo a sua verdadeira face, a Junta e o Governo Provisório impedem pela força das armas que as brigadas de exteriores da Rádio Renascença e do Rádio Clube Português prossigam a reportagem que vinham fazendo no Largo da Estrela, desde o começo da noite, informando o país inteiro da justa luta do povo de Lisboa pela libertação de Peralta.

Tanto a Rádio Renascença como o Rádio Clube Português tiveram um papel importantíssimo no desencadeamento do golpe de estado de 25 de Abril, acontecendo até que o segundo adoptou apressadamente o nome de "Rádio Liberdade" e colaborou activamente na consolidação dos novos governantes no poder. As ilusões que a madrugada de 25 de Abril porventura tenha despertado no sector progressista e bem intencionado dos trabalhadores desses dois órgãos da informação, terão morrido com a mesma rapidez com que nasceram, na madrugada de hoje, à Estrela.

O veemente protesto dos trabalhadores do Rádio Clube Português e da Rádio Renascença contra a arbitrariedade fascista de que foram vítimas e a exigência de demissão do chamado Ministro da Comunicação Social, são a prova provada de que para eles as ilusões morreram e de que estão dispostos a continuar a luta ao lado do povo. Ao exigir a libertação de Peralta, o povo saberá lutar em defesa das vozes que não se deixam calar e dos trabalhadores da informação que não se vergam aos novos censores. Porque o povo compreendeu já que não pode haver Liberdade — nem Rádio da Liberdade... — enquanto não for ele o único senhor dos seus destinos.

5. Enquanto mantém na prisão Peralta e centenas de patriotas de Angola, Moçambique e da República da Guiné-Cabo Verde, a Junta e o Governo Provisório libertam Caetano e Tomás, os principais alvos do povo português e dos povos irmãos das colônias; libertam os ministros da camarilha marcelista; conservam e defendem os pides da justa ira popular; impedem o julgamento popular e a execução pública dos principais criminosos da pide, do exército, da G. N. R., da P. S. P., e do Governo fascista. Tal é aquilo que, juntamente com a não libertação de Peralta, a Junta e o Governo Provisório consideram ser o "imperativo do mais alto interesse nacional".

Enquanto usam os soldados e marinheiros para guardarem e defenderem do povo os Tenreiros, os Casais-Ribeiro, os Silva Cunhas, os Moreiras Batista, os Silva Pais, os

Mortágua, etc., a Junta e o Governo Provisório despacham os tanques, as metralhadoras e os soldados para oprimir o povo — o povo que esses mesmos marinheiros e soldados julgariam porventura, estar a libertar há 30 dias atrás. Tal é aquilo que, juntamente com a não libertação de Peralta, a Junta e o Governo Provisório consideram ser o "imperativo do mais alto interesse nacional".

Porque a verdade é esta: enquanto apregoam Liberdade, é a manutenção e a conservação do fascismo o que a Junta e o Governo Provisório defendem; peroram sobre a Democracia, é a ditadura dos monopólios o que a Junta e o Governo Provisório consolidam; enquanto decretam o salário mínimo, é o Pão dos Trabalhadores o que a Junta e o Governo Provisório expropriam; enquanto se sentam à mesa do orçamento, é a ruína dos camponeses e o saque da sua Terra o que a Junta e o Governo Provisório congeminam; enquanto discursam sobre a "salvação nacional", é a submissão do país aos imperialistas estrangeiros o que a Junta e o Governo Provisório executam; enquanto falam de Paz, é a continuação e a intensificação da guerra que a Junta e o Governo Provisório preparam.

E defendem, consolidam, expropriam, congeminam, executam e preparam tudo isso com tanta maior impunidade, quanto é certo que a Junta e o Governo Provisório se asseguraram previamente do apoio e colaboração do partido do ministro Barreirinhas Cunha — o partido revisionista, social-fascista e social-traidor.

O POVO PORTUGUES LIBERTARA PERALTA!
LIBERTAÇÃO IMEDIATA DE PERALTA!

SEPARAÇÃO E COMPLETA INDEPENDÊNCIA PARA OS POVOS DAS COLONIAS!

OS SOLDADOS SÃO FILHOS DO POVO!

REGRESSO DOS SOLDADOS!
NEM MAIS UM EMBARQUE!

GUERRA DO POVO A GUERRA COLONIAL-IMPERIALISTA!

PÃO, PAZ, TERRA, LIBERDADE, LIBERDADE, DEMOCRACIA E INDEPENDENCIA NACIONAL!

VIVA O MRPP!
TODOS AO LARGO DA ESTRELA!

CONTRA A REPRESSÃO FASCISTA DA JUNTA E DO GOVERNO PROVISÓRIO, O POVO LIBERTARA PERALTA! TODOS AO LARGO DA ESTRELA!

CAMARADAS:

Durante a tarde de hoje, dia 27, as forças repressivas do aparelho policial fascista deixaram cair a esbucurada máscara liberal

com que a Junta e o Governo Provisório se tentavam fazer passar aos olhos das massas.

A polícia de choque, que a Junta e o Governo Provisório afirmavam extintas, reapareceu nas suas criminosas funções anti-populares carregando brutalmente sobre o povo concentrado em frente do Hospital Militar Principal, no Largo da Estrela. Mas o povo que a respeito da "extinção" de tal canalha assassina nunca nutriu ilusões, soube repeli-las valentemente e dar-lhes a justa punição.

A G. N. R. que a Junta e o Governo Provisório tentavam vender por "força da paz" e "ao serviço das populações", reapareceu com as mesmas bestas, montadas sobre os mesmos cavalos, chefiadas pelos mesmos assassinos e atacando as massas com a selvajaria que lhe deu juz a ser uma das mais odiadas forças repressivas fascistas.

A coluna do major Neves, candidato a suplente do chefe da polícia de choque Maltês, obrigada a retirar pela firmeza das massas hoje de madrugada, reapareceu ao fim da tarde com os seus tanques e auto-metralhadoras aperradas contra os manifestantes.

A Junta e o Governo Provisório tiram a máscara!

Mas nenhuma repressão poderá jamais demover o povo português de cumprir o seu dever internacionalista de libertar Peralta. Nem a violência assassina do aparelho policial fascista, hoje na mão de novos senhores, nem os grupelhos provocatórios trotskistas e neo-revisionistas infiltrados na concentração popular da Estrela para a sabotar e que ao primeiro vislumbre dum capacete da polícia de choque se eclipsaram em todas as direções.

As massas, sob a direção do nosso movimento, responderam à violência assassina da tropa de choque fascista com a justa violência revolucionária do povo, obrigando a debandar os criminosos da P. S. P. e da G. N. R. e reafirmando com inabalável firmeza a sua disposição de ocupar e resistir no Largo da Estrela até à libertação de Peralta.

— O POVO PORTUGUES LIBERTARA PERALTA! TODOS AO LARGO DA ESTRELA!

— LIBERTAÇÃO IMEDIATA DE PERALTA!

— JULGAMENTO POPULAR DOS FASCISTAS, PIDES E LEGIONARIOS E EXECUÇÃO DOS PRINCIPAIS RESPONSABILIS!

— TOTAL DESARMAMENTO E DESMANTELAMENTO DA G.N.R. E POLICIA DE CHOQUE, JULGAMENTO POPULAR DOS SEUS ESBIRROS E EXECUÇÃO DOS PRINCIPAIS RESPONSABILIS!

— VIVA O M. R. P. P.!

A guerra colonial continua e a repressão fascista também. O que se passou no domingo dia 26 no largo da Estrela recordou-o a quem ainda alimentasse dúvidas.

A concentração em frente ao Hospital Militar foi engrossando durante todo o domingo, uma vez que a manifestação dirigida pelo MRPP se transformou num comício à volta do qual as massas se foram aglomerando. O engrossar da manifestação começou a provocar o pânico da Junta e por volta das 14 horas uma força de cerca de 50 GNRs a cavalo tomou posição na praça. Começava a ser montado o dispositivo policial.

Por volta das 17 horas um elemento da PSP percorreu a praça proferindo ameaças sobre a sua evacuação às 18 horas, o que desencadeou desde logo uma explosão de ira dos milhares de pessoas presentes. Com a firme disposição de fazer frente à repressão fascista, permaneceu-se na praça, enquanto em todos os passeios da zona se aglomerava uma enorme multidão disposta a fazer frente à polícia fascista. Pouco depois as carrinhas da polícia de choque, a tal que tinha sido dissolvida, e 2 carros da água ocuparam a praça. Foram rodeados pelos manifestantes aos gritos de "assassinos, assassinos!"

Às 17 horas e 40 minutos os carros da água entraram em acção, mesmo sem aguardar o fim do seu próprio prazo. Imediatamente as pedradas começaram a chover sobre os carros. Um manifestante, revelando grande ousadia e notável presença de espírito, conseguiu subir para cima de um carro da água e destruir o sistema de emissão. Outros elementos lançaram-se ao assalto dos carros da água, furando-lhes os pneus e arrancando a um deles a tampa do depósito de água que se derramou completamente. Inutilizados, os carros de água abandonaram a praça.

Logo a seguir entraram em cena as carrinhas da polícia de choque. Procurando esconder-se atrás delas, das pedradas que de toda a parte choviam, as bestas de choque dispararam dezenas de granadas de gases lacrimogêneos, quer para o meio dos manifestantes quer para o pátio do Hospital onde se encontravam dezenas de soldados. Mas as pedradas continuaram e os manifestantes conseguiram reocupar a praça, depois de danificadas todas as carrinhas. Há ainda nova carga da GNR a cavalo, mas que acaba por retirar da praça a galope sob uma nuvem de pedradas. Na reacção popular à repressão fascista a manifestação atingiu o seu ponto mais alto.

Durante todo o combate, os grupelhos trotskistas tinham organizado oportunamente um comício bem no interior do Jardim. Dirigidas como sempre pelo MRPP, as massas populares enfrentavam a repressão fascista.



GNR a cavalo e tanques desfilam na Estrela rodeados pelas massas

DAS INUMERAS LUTAS DESENCADEADAS PELOS SOLDADOS POR TODOS OS QUARTEIS DO PAIS, E CUJAS NOTICIAS CHEGAM ATE NOS, "LUTA POPULAR" PASSA A INSERIR ALGUMAS DELAS

ESCOLA PRÁTICA DE ENGENHARIA — TANCOS

No decurso da semana de 12 a 18 deste mês, foram distribuídos neste quartel vários comunicados do MRPP e da RPAC. As reuniões de discussão que se seguiram, entre os cabos-milicianos e aspirantes já mobilizados para a guerra colonial, sobre as justas palavras de ordem aí propagandeadas, espalharam o pânico entre os comandos militaristas que de imediato convocaram aqueles militares anti-colonialistas para lhes comunicarem a proibição das suas assembleias.

Perante a firme disposição destes em prosseguir-las, afirmou-se que destinavam à discussão de questões que lhes diziam directamente respeito, tais como a guerra colonial e a repressão militarista, o comandante ameaçou-os com um pedido de intervenção à Junta. Na verdade, chegou ao quartel, no dia 17, uma delegação da Junta composta por um tenente coronel, um primeiro-tenente da marinha, um major da força aérea, que reuniram imediatamente com os militares anti-colonialistas. Intervindo nesta reunião, estes afirmaram as suas justas posições face à guerra colonial, defendendo a separação e a completa independência para os Povos das colónias como único caminho para conquistar a Paz, denunciando as falsas promessas da Junta de pôr termo à guerra colonial e reafirmando a sua decisão de continuar as reuniões no quartel.

Falando por último, os "apaziguadores" da Junta tentaram demover os milicianos anti-colonialistas, mas sem qualquer sucesso. A réplica enérgica por parte destes aos argumentos demagógicos dos militaristas, levou-os a abandonar o quartel, sem qualquer força para proibirem as reuniões.

Na semana seguinte (de 19 a 25) a agitação e as reuniões prosseguiram, demonstrando a maioria dos cabos-milicianos e aspirantes-milicianos a determinação de se recusarem ao embarque para as colónias.

A TENTATIVA DE TROCA DE PERALTA POR UM AGENTE DA CIA

Realizou-se 3.ª feira dia 28, uma conferência de imprensa no escritório do dr. Manuel João da Palma Carlos, advogado de Pedro Peralta, onde vieram a lume novos aspectos do caso Peralta. Vejamo-los um por um.

Foi confirmada a notícia dada por "Luta Popular" que se pretendia trocar Peralta por um elemento da CIA preso em Cuba. O dr. Palma Carlos revelou que fora contactado por um advogado americano, procurador de um tal Lawrence Hunt que cumpre uma pena de 30 anos numa prisão cubana. O assunto não terá tido seguimento porque Peralta se recusa a ser trocado. Não restam pois dúvidas das razões de "alto interesse nacional" que se opõem à sua saída. Mas há mais: para obstar à sua libertação, e porque ordens são ordens, foram cometidos toda a casta de atropelos como o dr. Palma Carlos promete denunciar, como por exemplo:

Desapareceu o processo de Peralta, que devia encontrar-se no Tribunal Militar. Desse processo consta a sentença que o põe em liberdade, dada em 3 de Maio corrente pelo 1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa.

ESCOLA PRÁTICA DE ADMINISTRAÇÃO MILITAR (E. P. A. M.) — LISBOA

Num quartel a que a Junta, na madrugada de 25 de Abril, foi chamar os soldados para ocuparem o posto central da televisão, irrompe uma acesa luta lançada por esses mesmos soldados.

Esta situação revela bem como estes não acalentam quaisquer ilusões acerca da natureza e das promessas da Junta, cuja pele de cordeiro com que inicialmente se encobria, lhe calu definitivamente por terra.

Iniciando a sua ofensiva no 1.º de Maio, em que, por impedidos de se juntar ao povo em luta na rua, a luta dos soldados da E. P. A. M. vai progredindo. Passando por um vitorioso levantamento de rancho, ela atinge agora um ponto alto, após a realização de uma assembleia no dia 27, reunindo perto de 300 soldados, "sem medo das represálias", como escreviam num seu comunicado.

Seguindo, assim, a justa palavra de ordem da R. P. A. C., que apelava para reuniões e assembleias de soldados e marinheiros, os soldados da E. P. A. M., manifestaram nessa reunião a sua oposição à criminosa guerra colonial que a Junta e o governo provisório prosseguem, aprovando igualmente um caderno de exigências ligadas às medidas repressivas dos militaristas no quartel.

Para que a justa luta se torne uma luta totalmente consequente, devem os camaradas da E. P. A. M., organizar-se autonomamente erguendo o seu **Comité de soldados** e tomar perante a guerra colonial a justa posição de se recusarem aos embarques, desertando com armas e exigindo o regresso dos soldados, defendendo a separação e completa Independência para os povos irmãos das colónias, único caminho para a conquista da PAZ.

Combater a repressão militarista castigando os seus mais destacados agentes que

Mostrou-se também entre admirado e decepcionado por ver "os homens do 25 de Abril recorrerem a formas de propaganda tipicamente fascistas, com inúmeras distorções da verdade, no estilo de Dutra Faria". "Luta Popular" não compartilha nem do espanto nem da decepção.

Forneceu também uma cópia da carta de Peralta em que este lhe diz que não concorda com o recurso, para já, ao Supremo Tribunal de Justiça, para o tentar libertar. Isto deve-se à ao desejo de não criar problemas à Junta. Esta posição que nos parece estranha, só é para nós explicável a uma clara posição do governo revisionista cubano, que fazendo o jogo dos seus comparsas portugueses pressiona Peralta a que tome posições desse género, por considerar preferível mantê-lo na cadeia a qualquer hipótese, mesmo remota de "criar dificuldades" à Junta.

Além disso o general Galvão de Melo recusa-se a devolver ao dr. Palma Carlos a fotocópia de telegramas, de 9 de Maio de 1974 em que solicita a sua imediata restituição. Ainda não obteve resposta. Tudo isto leva a recear o dr. Palma Carlos que se pretenda chegar à "monstruosidade" de negar a existência da sentença e converter Peralta num prisioneiro de guerra.

Sobre esta questão o dr. Palma Carlos demonstrou que considerar Peralta prisioneiro de guerra era um completo absurdo. Peralta foi condenado por atentado à segurança do Estado e é um preso político e como tal sempre foi considerado.

permanecem no quartel e impondo, não pedindo, as suas exigências, deve ser igualmente o caminho a seguir pelos soldados da E. P. A. M., que souberam já ousadamente esmagar as manobras dos representantes da Junta para os impedirem de se reunir.

Manifestação de apoio à luta de libertação nacional do povo de Angola

Ao apelo de um grupo de angolanos simpatizantes do MPLA, dirigido a todos os seus compatriotas, camaradas das outras colónias e "camadas progressistas do Povo Português" para participação numa manifestação anti-colonialista de apoio à luta de libertação nacional do Povo de Angola e ao MPLA pela independência total e incondicional de Angola, vários milhares de pessoas se concentraram na 3.ª feira, dia 28, frente ao palácio de S. Bento, sede do Governo Provisório.

A PSP fascista, de novo na 1.ª linha da repressão nas ruas, da luta popular, impediu o acesso ao largo fronteiro do palácio de S. Bento, tentando intimidar os milhares de manifestantes presentes onde sobressaía a presença de largo número de patriotas africanos e das restantes colónias.

O nosso Movimento, militantemente fiel aos princípios do internacionalismo proletário, associou-se activamente à preparação desta justa acção anti-colonialista, para a qual, através de propaganda e agitação na região de Lisboa, chamou a classe operária, a juventude e o povo. Assim, às 17H 30, em S. Bento, os anti-colonialistas portugueses ostentando os seus estandartes, a bandeira do MRPP e do MPAC, e as suas palavras de ordem próprias escritas em largos cartazes, estiveram presentes a saudar a justa e gloriosa luta de libertação nacional do Povo de Angola e o MPLA, bem como a luta dos restantes Povos irmãos das colónias.

A manifestação iniciou-se com a realização de um comício nas escadarias do Palácio de S. Bento em que tomaram a palavra patriotas angolanos e de outras colónias para defender o justo princípio do direito inalienável à independência total e incondicional dos seus países do jugo colonialista e neocolonialista e para realçar o papel de vanguarda desempenhado pelos Movimentos de Libertação Nacional na direcção da luta.

Seguidamente formou-se uma manifestação que gritando as palavras de ordem "Abaixo o colonialismo!", "Abaixo o neocolonialismo!", "Abaixo o imperialismo!", "Viva o MPLA!", "Viva a Frelimo!", "Viva o PAIGC!", "Viva o Movimento de libertação de S. Tomé e Príncipe (MLSTP)!", "MPLA vitória ou morte!", "MPLA um só povo uma só nação!", "Unidade Guiné-Cabo-Verde!" e "Independência completa e incondicional!" se dirigiu para o Largo do Rato onde teve lugar novo comício. Os patriotas das colónias, além de cartazes com as suas palavras de ordem, ostentavam grandes bandeiras do MPLA, FRELIMO e PAIGC. A manifestação desceu a Av. da Liberdade tendo concluído com um novo comício no Rossio.

"Luta Popular", em nome da classe operária portuguesa, saudou firme e fraternalmente de punho erguido a justa e heróica luta armada de libertação nacional do Povo de Angola e das restantes colónias sujeitas ao domínio colonialista português; saudou o MPLA e as forças de libertação nacional que dirigem o combate dos Povos irmãos das colónias, pela separação e completa independência das suas pátrias. Esse é o caminho para conquistar a Paz.

COMUNICADO DA RESISTENCIA POPULAR ANTI-COLONIAL (RPAC)

NEM MAIS UM EMBARQUE PARA AS COLONIAS! DESERTEMOS EM MASSA E COM ARMAS!

CAMARADAS SOLDADOS E MARINHEIROS!

Falar de paz e continuar a guerra, propôr negociações e negar o direito dos povos das colónias à completa independência das suas pátrias, eis a política da Junta e do seu recém-formado governo provisório.

As promessas de paz por parte dos novos exploradores que ocuparam o poder, não passaram de um engodo para apoiarmos o seu golpe de 25 de Abril e ainda para levar os povos irmãos das colónias a depor as armas e aceitar, sob outras vestes, a exploração colonialista e imperialista. Criar ilusões ao nosso povo para o continuar a arrastar para a criminosa guerra colonial, servir-se da capa das negociações para disfarçar o seu objectivo de perpetuar a dominação sobre os povos das colónias, são as verdadeiras intenções da burguesia e dos seus patrões imperialistas, agora a falar pela boca do governo provisório.

Não é por acaso que este governo, em que figuram os "liberais", os ditos "amigos do povo" do partido "comunista" português e bem assim os falsos democratas e socialistas da C. D. E., fale no seu programa em "manter as operações defensivas no ultramar destinadas a salvaguardar a vida e os haveres dos residentes". Não é isto afinal o que nos dizem há 13 anos para ocultar a verdadeira natureza da guerra de agressão e rapina aos povos das colónias e para nela se servirem de nós como carne para canhão?

Negando-se a reconhecer o direito à independência daqueles povos, os colonialistas continuam a obrigar-nos a matar irmãos nossos, enquanto tentam impôr uma outra forma de manter a exploração nas colónias. E o recurso que utilizam para nos enganar a respeito desse seu objectivo é o de que o nosso povo precisa de pelo menos um ano para se "mentalizar" a fim de decidir sobre os destinos de outros povos oprimidos!

Mas todas estas manobras não conseguem iludir o povo português, que sob a direcção firme da classe operária, prossegue a sua luta revolucionária contra a guerra colonial, manifestando a sua mais activa solidariedade internacionalista militante para com a luta de libertação dos povos irmãos das colónias. Para estes povos que há 13 anos pegaram em armas e combatem vitoriosamente contra a exploração colonialista, a Independência das suas pátrias, por que vertem heroicamente o seu sangue no campo de batalha, não pode admitir quaisquer negociações. Também para o nosso povo a conquista da PAZ só tem pois um caminho — A SEPARAÇÃO E A COMPLETA INDEPENDÊNCIA PARA OS POVOS IRMÃOS DE MOÇAMBIQUE, ANGOLA E GUINE-CABO VERDE! E é esta verdadeira PAZ popular que nem a Junta militar nem o governo dos "liberais", revisionistas e falsos socialistas poderá realizar.

Camaradas!

Querendo fazer passar o exército colonial por um exército popular, tentando apresentar o "programa do movimento das forças armadas", o programa da burguesia, como o programa do proletariado, a Junta e os seus servos revisionistas do P. C. P., querem-nos levar a nós, soldados e marinheiros, a traír os verdadeiros interesses e aspirações do povo a que pertencemos e de onde fomos arrancados. Continuando a embarcar-nos para as colónias, continuando a transformar-nos em carrascos dos povos oprimidos das colónias, será que estes senhores que se dizem comunistas e socialistas nos estão a colocar ao lado do povo em luta pela paz?

Não camaradas! A única forma de nos colocarmos ao lado do povo é prosseguirmos a "nossa luta contra a guerra colonial, RECUSANDO-NOS COLECTIVAMENTE A EMBARCAR PARA AS COLONIAS, DESERTANDO EM MASSA E COM ARMAS E EXIGINDO O REGRESSO IMEDIATO DOS NOSSOS CAMARADAS!

É esta firme determinação dos soldados e marinheiros que ficou bem expressa no 1.º de Maio Vermelho, em que ombro a ombro com os operários e camponeses gritaram bem alto: "NEM MAIS UM EMBARQUE!". Este igualmente o caminho seguido pelos camaradas que, após o reinício dos embarques ordenado pela Junta, se recusaram a embarcar, desertando.

Também por todos os quartéis e bases de marinha, os soldados e marinheiros mobilizados se encontram na férrea disposição de seguir o seu exemplo, realizando reuniões com vista à recusa colectiva ao embarque.

Perante tal disposição, a Junta e o seu governo vêm-se obrigados a recorrer a manobras destinadas a dividir e isolar o nosso combate, repartindo as companhias mobilizadas em pequenos grupos, enviando-os directamente para a Base aérea n.º 1 e proibindo mesmo quaisquer contactos familiares.

Devemos estar prevenidos contra tais tentativas da Junta e do seu séquito revisionista mantendo-os unidos e vigilantes para impedir que nos separem. Da experiência das nossas lutas bem sabemos que contra a força criada pela nossa indestrutível unidade, os comandos militaristas nada poderão.

A exemplo do que estão a realizar camaradas nossos em diversos quartéis e bases de marinha **façamos e multipliquemos em número, amplas reuniões e assembleias de soldados e marinheiros**, transformando-as em demonstrações de uma sólida unidade à volta dos nossos objectivos de luta, afirmando **nelas a nossa solidariedade para com a luta heróica dos povos das colónias e ainda tomando a inabalável decisão de recusa colectiva ao embarque!** Esta a forma justa de levarmos à pátria o nosso programa de luta pela PAZ e de nos unirmos às lutas do povo trabalhador. Também nessas reuniões devemos **erguer a nossa própria organização**, elegendo os mais combativos e ousados de entre nós para formarem o **nosso COMITÉ DE SOLDADOS E MARINHEIROS**, que integrados na RPAC e sob a direcção da classe operária conduzam o nosso combate.

Camaradas! Afrouxada a repressão militarista nos primeiros dias a seguir ao golpe de 25 de Abril, a Junta volta novamente a montar a máquina repressiva dentro e fora dos quartéis, através dos comandos militaristas e da sua polícia militar. Fazer-nos submeter docilmente à sua política de exploração por um lado, e obrigar-nos a intervir contra o povo, que nos parou nem pára de lutar até à vitória da Revolução Democrática e Popular, são os objectivos dessa disciplina militarista que a burguesia, agora com novos arautos, continuará a abater sobre nós.

Para tentar quebrar a nossa resistência, para impedir que lancemos em todas as frentes o nosso combate revolucionário, a Junta lança mão dos falsos comunistas do P. C. P., que agora abertamente amordaçam as nossas lutas, tentando substituí-las por abaixo-assinados e apelando para os embarques para as colónias.

Camaradas! Denunciemos e esmaguemos estas tentativas destes falsos amigos do povo, persistindo cada vez mais ousadamente na nossa luta revolucionária pelo BOICOTE E PARALIZAÇÃO DO EXÉRCITO COLONIAL, CONTRA A REPRESSÃO E A DISCIPLINA MILITARISTA e pelo nosso objectivo principal, A RECUSA COLECTIVA AOS EMBARQUES!

NEM MAIS UM EMBARQUE PARA AS COLONIAS! DESERTEMOS EM MASSA E COM ARMAS!

REGRESSO IMEDIATO DOS SOLDADOS E MARINHEIROS!

A SEPARAÇÃO E COMPLETA INDEPENDÊNCIA DOS POVOS IRMÃOS DAS COLONIAS É O ÚNICO CAMINHO PARA CONQUISTAR A PAZ!

ELEJAMOS NAS NOSSAS ASSEMBLEIAS NOS QUARTEIS OS NOSSOS COMITÉS DE SOLDADOS E MARINHEIROS!

COMITÉ AMILCAR CABRAL
Comité Directivo da
R. P. A. - C.

editorial

Ao contrário dos fariseus revisionistas, o nosso Movimento conclama a classe operária a aprofundar e generalizar o movimento grevista em curso, assinando-lhe um objectivo central, que é a semana das 40 horas, e conferindo-lhe um sentido único e unificado, consistente na aplicação imediata dessa reivindicação, sem curar dos interesses dos patrões nem da legalidade que os serve.

Por toda a parte as massas populares se preparam para a Revolução. Os camponeses começam a erguer-se; os soldados e marinheiros organizam-se; os empregados agitam-se; os estudantes e intelectuais intensificam o seu combate; a classe operária começa a atacar em todas as frentes.

A tarefa da fundação do Partido político dos proletários é mais urgente do que nunca, porque só ele permite à classe operária agrupar-se numa força política única e independente. Precisamente a força que poderá e deverá conduzir até ao fim o movimento popular de massas em ascensão.

Nenhum batalhão de sapadores bombeiros, use o nome de P^oC^oP ou C^oD^oE, será capaz de apagar as chamas da revolta popular crescente. A Revolução é inevitável. O Povo saúda-a. Quem tem medo da Revolução?



LUTA POPULAR

Director Interino

J. L. Saldanha Sanches

Composição e impressão

Mirandela & C.ª — Travessa do Ferragial, 3 — Lisboa

O MOVIMENTO DE MASSA

A CLASSE OPERÁRIA ATACA EM TODAS AS FRENTE

Uma certa quantidade de correspondência, oriunda dos mais diversos pontos do país, começa a chegar à mesa de redacção do "Luta Popular". Escrita, na sua imensa maioria, por operários — e, numa parte menor, por outros elementos integrantes das massas — essa correspondência fala da vida e das lutas do Povo, faz-se eco de críticas e sugestões para melhorar o nosso trabalho, descreve com vivacidade o combate entre as duas classes, as duas vias e as duas linhas, e acaba por levantar, duma maneira concreta e não raro exemplar, as mais candentes questões teóricas e práticas, políticas e de organiza-

ção com que se debate o proletariado revolucionário.

Nós tomámos a resolução de reservar para essa correspondência das massas o maior espaço possível do jornal, e enviaremos todos os esforços para não deixar sem resposta uma só das questões que nos formulem, nem sem referência e destaque especial os ensinamentos mais importantes que do trabalho dos nossos correspondentes seja necessário colher.

"A libertação dos trabalhadores é obra dos próprios trabalhadores" — e este pensamento genial de Marx tem também uma correcta aplicação na tarefa específica de

erguer o "Luta Popular", o qual não poderá nunca ser obra exclusiva dum comité de redacção, por mais bem fornecido que fosse, mas obra de todo o Movimento, de toda a classe operária, uma obra revolucionária das massas e para as massas.

A publicação de toda a correspondência que fomos recebendo é tanto a tradução do princípio justo que defendemos, como estímulo para a energia revolucionária e a capacidade criadora das massas façam ousadamente de "Luta Popular" um dos seus campos de aplicação — e não certamente o menor.

LUTAS OPERÁRIAS NA COVILHÃ, TORTOSENDO E UNHAIS DA SERRA

Documento significativo do desenvolvimento impetuoso do movimento operário e da luta de vida e de morte que se trava no nosso país entre as duas classes (a burguesia e o proletariado), os dois caminhos (o do capitalismo e o do socialismo) e as duas linhas (a revisionista e a do P.C.P. e a marxista-leninista-maoista do MRPP) é a correspondência que acabamos de receber de um grupo de operários e operárias da indústria de lanifícios da Covilhã e de Unhais da Serra.

Os 200 000 operários e operárias dos lanifícios estão em guerra aberta contra o patronato. Aqui e acolá, de norte a sul do país, as paralizações sucedem-se e a greve estala, as assembleias operárias multiplicam-se e as reivindicações aprofundam-se. Os nossos correspondentes mostram-nos precisamente isso.

E mostram-nos mais. Mostram-nos, acima de tudo, o papel traidor das direcções sindicais fantoches, dominadas pelos revisionistas do Partido de Barreirinhas Cunha, ministro dos monopólios e dos colonialistas — bem como a maturidade política do proletariado que se lhes opõe.

Mostram-nos o papel do bombeiro do destacamento revisionista que é a CDE, integrada por "um dos mais reacçãoários burgueses da cidade, um tal João Borges, industrial" — e a firmeza dos operários e operárias que condenam ao mais completo fracasso as torpes manobras da CDE e cercam a casa do industrial "democrata".

Mostram-nos o recurso crescente que os revisionistas fazem aos métodos fascistas de pretender atemorizar as massas para as desviar da sua justa luta — e a maneira como os operários e as operárias os desmascaram e combatem.

Mostram-nos como P.C.P., CDE, direcções sindicais fantoches, Junta, industriais e governo provisório são um único corpo apostado em explorar e esmagar o proletariado — e como o proletariado, resoluta e implacavelmente, os combate por igual.

E mostram-nos — último mas não o último dos últimos — como, falhadas todas as artimanhas da reacção, os revisionistas recorrem ao seu argumento preferido: A G.N.R., para prender um dos mais destacados combatentes proletários, acusando-o de pertencer à Pide... Na Covilhã como em Balseizão, em Vila Franca como na Marinha Grande, é sempre o mesmo o último argumento ideológico dos biltres revisionistas.

Começo: Domingo 12 de Maio.

Decretada paralização parcial de 2 horas, com o apoio dos elementos da direcção do sindicato presentes, pelos 6000 trabalhadores assistentes a essa reunião, no pavilhão da F. A. E. C.

13 de Maio — reunião na sede do Sindicato dos Lanifícios, onde perante centenas de trabalhadores, alguns elementos da direcção do sindicato começam a revelar sintomas de pouca convicção na luta desencadeada pelos trabalhadores.

14 de Maio — a direcção utiliza todo o palavreado demagógico para estancar a justa luta de massas operárias que se desenvolve assustadoramente.

Uma pidesca informação procura, pelos releus métodos fascistas de lançar o terror nas massas, demovê-las da sua atitude firme de

continuar a luta e desenvolvê-la. A informação dizia: "que coluna militar se teria dirigido para as minas da Panasqueira e os mineiros já se encontravam a trabalhar".

Apurou-se, depois, ser da responsabilidade da C. D. E. local a dita informação, que foi prontamente desmascarada pela vanguarda da classe operária. Em resposta às provocações lançadas pelo presidente do sindicato em nome de outrém, respondem energeticamente as massas alongando a paralização por 4 horas.

A C. D. E. de Lisboa envia também para essa reunião um telegrama em que manifestava preocupação pelo que se estava a passar na Covilhã. Sintomática e sincronizada a acção repressiva dos C. D. E.s.

15 de Maio — a federação dos grêmios dos industriais promete reactivar negociações — até esta data, os industriais, através dos seus organismos competentes, apenas prometiam antecipar os 15% de Novembro que estavam contratados para o dia 1.º de Maio. Mais uma vez a direcção tenta por todos os meios ao seu alcance convencer os trabalhadores a retomar o trabalho, com promessas de que essa atitude beneficiaria as negociações.

16 de Maio — desde o princípio da tarde até tardias horas da noite, milhares de trabalhadores acorrem à sede do sindicato para saber como decorrem as negociações. As tantas da noite, o presidente da direcção manda recado pelo telefone, aconselhando os trabalhadores a retomar o trabalho, pois tinha em seu poder duas propostas que não podia divulgar.

A esta provocação às massas trabalhadoras feita pelo próprio presidente do sindicato, respondem as massas, já então galvanizadas pela experiência adquirida com a paralização total.

20 de Maio, 2.ª feira — perante a vontade firme dos trabalhadores em continuar a sua luta e desenvolvê-la, nova proposta é lançada pelos industriais, que visa pagar os 1 000 500 em 3 prestações: a primeira, pagamento imediato de 500 500, seguido de outra prestação em Setembro, de 150 500, e a última em Dezembro, do mesmo montante.

O pavilhão da F. A. E. C., literalmente cheio de trabalhadores, assiste a uma das mais tempestivas reuniões, onde os sabotadores C. D. E.s. lançam a confusão, numa tentativa desesperada para furar a greve. Aos C. D. E.s. responde de novo a consciência revolucionária das massas.

Entretanto, a direcção submete, no dia seguinte, ao escrutínio secreto a aprovação da proposta e seguida retomada de trabalho, caso o número de votos fosse favorável. De novo as massas mostram a sua determinação na luta, respondendo, com uma vantagem de quase 800 votos, querer continuar a greve, até à satisfação da reivindicação apresentada inicialmente, ou seja, os 1 000 500.

23 de Maio denúncia: de um dos elementos mais avançados da vanguarda operária como pede, à G. N. R... A luta atinge características de ordem política jamais alcançada noutros sectores. Os interesses em jogo levam as classes em luta a deitar mão de armas mais radicais.

A mesma hora que uma camioneta de carreira é freada pelas massas, prevendo da parte da Junta uma atitude repressiva sobre aquele destacado elemento da luta operária e popular. Não passava a ninguém pela cabeça,

que se deslocaram a Castelo Branco que pudesse alguém ser capaz de semelhante provocação aos operários.

Um numeroso grupo de operários e operárias cercam a casa de um dos mais reacçãoários burgueses da cidade, um tal João Borges "democrata" industrial, a quem as massas imputaram a responsabilidade do impasse em que se tinha caído, processos de que só pela violência o tal democrata iria tomar conta da realidade e do fervor revolucionário da classe operária.

Regresso dos revolucionários acompanhados de soldados que, à espera de boleia, se dispersavam pela estrada, que chegaram à Covilhã, entoando slogans "operários unidos vencerão", "Pão, Paz, Terra, Liberdade, Democracia e Independência Nacional", levantando alto o punho fechado, símbolo da revolução popular, e dirigindo-se para o parque florestal, onde largas centenas de operários, em franco e saudável convívio, os aguardavam ansiosamente.

A festa popular de 5.ª feira da ascensão adquiria o carácter marcadamente político e revolucionário das massas que fizeram desse dia uma jornada gloriosa da luta pelo pão.

A noite, largas centenas de manifestantes, entoando palavras de ordem tais como: "Guerra do povo à guerra colonial" e "O poder para os operários e camponeses", tomaram de assalto o café Montalto, covil da burguesia reacçãoária, onde se efectuou um breve comício com o propósito demistificante do lugar, cavando apressadamente e apavorados alguns burgueses que viram os seus lugares sagrados abalados pela corrente avassaladora dos operários em revolta.

Alguns breves incidentes não abscreveram a firme e determinada atitude das massas, que apenas responderam pronta e energeticamente às provocações que lhes eram dirigidas. Um burguês exclamava espavorido: "Antigamente prendiam esta gente"; resposta pronta de um operário: "Isso era antigamente!".

24 de Maio — A impaciência apodera-se das massas que começam a entrar em conflito directo com os capitalistas. Durante a tarde, grande multidão emoldurava o pelourinho, à espera de um enviado do governo e outros representantes das partes em conflito, que não chegaram a aparecer.

Finalmente sábado, dia 25, acabam por chegar representantes do governo e das outras partes em conflito. Desde a manhã até à hora da decisão final, milhares de gargantas reclamavam os 1 000 500, entoando slogans e cantos revolucionários e agitando permanentemente lenços vermelhos da revolução. Destacou-se nesta fase da manifestação o aguerrido e convicto grupo de Unhais da Serra.

Ao fim da tarde, perante milhares de operários, foi proclamada vitória do trabalho sobre o capital. Que não sendo uma vitória total, nas reivindicações salariais apresentadas, foi a vitória da unidade, da determinação dos operários que desta prática concreta de luta tirarão todos os ensinamentos para o desenvolvimento da luta política a travar no futuro até à execução da Revolução Democrática e Popular, que por fim à burguesia parasitária e instaurará a Democracia Popular, ditadura do proletariado sobre a burguesia.

TIMEX

Relativamente à luta na Timex — a importante fábrica de relógios, com capital americano e empregando cerca de 2 mil trabalhadores, em Lazarim (Charneca de Caparica) —, a que já fizemos referência no nosso número anterior, recebemos agora a correspondência que a seguir reproduzimos, enviada por operários daquela empresa. Dos elementos fornecidos por estes textos parecem-nos de destacar alguns dados especialmente reveladores da justeza dos objectivos dos operários da Timex e dos correctos processos de luta com que estes souberam opor a sua firme vontade à dos patrões, anulando do mesmo passo as estratégias dos falsos "representativos" dos sindicatos revisionistas.

De facto, a semana das 40 horas, neste momento a grande reivindicação susceptível de cimentar a unidade da classe operária, esteve à frente das justas exigências dos trabalhadores da empresa. Eleita em assembleia uma comissão de fábrica constituída por 30 elementos, verdadeiros representantes, pois, das massas, que não impostos por caciques sindicais, a eles coube elaborar um caderno reivindicativo traduzindo realmente aquelas exigências, tal como foram definidas pela assembleia.

Também a decisão de organizar um comité operário como arma de unidade de luta e de vitória, agrupando os elementos mais conscientes, avançados e combativos da massa operária, da fábrica, e a formação de piquetes de greve ilustram a determinação dos trabalhadores de se assegurarem do controlo e da condução a bom termo da sua própria luta, contra a repressão dos patrões e as manobras de divisão e traição dos falsos amigos dos explorados.

Na segunda-feira, dia 6 de Maio, as operárias, os operários e alguns trabalhadores de diversos sectores da fábrica, que sentiam a necessidade de organizar a luta na fábrica e de aprofundar e fortalecer o caderno reivindicativo elaborado na altura da greve realizada no final da primeira semana de Fevereiro, decidiram organizar uma Assembleia de todos os trabalhadores da Timex. Nessa assembleia foi eleita uma Comissão de Trabalhadores composta por trinta elementos representando todos os sectores da fábrica.

No dia seguinte foi elaborado, com base nas opiniões e ideias das operárias, dos operários e demais trabalhadores, um caderno reivindicativo que sintetizava as suas justas aspirações. Composto por três partes (A, B, C) esse caderno apresenta na parte A a exigência de imediata expulsão de seis lacaios dos imperialistas ianques, grandes responsáveis pela exploração de que a classe operária é alvo na Timex; apresenta ainda diversas razões para a expulsão dessas "feras", razões essas que, mesmo assim, apenas dão uma pálida noção das suas actividades e atitudes fascistas e de lambe-botas dos imperialistas. A parte B do caderno refere-se a diversas reivindicações pelas quais há longo tempo luta a classe operária:

- 40 horas semanais de trabalho;
- Fim imediato do super-explorador sistema dos prémios;
- Fim das horas extraordinárias e despedimentos e ainda um mês de férias (com subsídio a 100%); não alteração de "standards" sem prévia consulta dos trabalhadores; 13.º e 14.º meses; etc.

Quanto a aumento de salários, assunto também mencionado pelos trabalhadores, sabemos que será objecto dum estudo a elaborar por estes e posteriormente apresentado. O salário mínimo exigido será de 6000\$00.

A história dos acontecimentos decorridos entre os dias 6 e 15 é a história duma luta sem tréguas entre todos os trabalhadores da Timex, com as operárias e operários na primeira linha, e os imperialistas e os seus lacaios. Dum lado, os explorados e oprimidos com toda a sua coragem e disposição combativa, ferreamente unidos à volta das suas justas reivindicações. Do outro lado os exploradores e opressores com as suas manhas, os adiantamentos e evasivas permanentes.

De tudo isso a classe burguesa mostrando-se exímia na provocação. Desde não quererem servir almoços, logo no dia 7,

num conluio cozinhado entre o abutre Maria José e a Administração, até à formidável invenção dos lacaios A. Pinto e Saraiva Alves que, na sua imaginação, "viram os operários a destruir automóveis" no exterior da fábrica!

Houve ainda promessas e mais promessas na vã tentativa de amolecer a determinação e a disposição combativa dos trabalhadores, como a de um "comunicado" no dia 10 além da presença de um representante da Junta Militar.

Provocações, manhas, manobras e falsidades, tudo isso esbarrou na poderosa muralha que é a força das operárias, dos operários e demais trabalhadores da Timex firmemente unidos e coesos à volta da Comissão de Trabalhadores e baseados num caderno reivindicativo que sintetizava as suas justas aspirações.

E num ambiente de extraordinário entusiasmo revolucionário que começa a greve na Timex no dia 10 de manhã. Entusiasmo esse bem patente na satisfação com que as operárias e operários participavam nos piquetes que se formaram para garantir a legalidade grevista. Os piquetes funcionaram dia e noite, assegurando a ocupação da fábrica e o total cumprimento da greve.

A greve prolongou-se até ao dia 15, altura em que a administração despediu os seis lacaios satisfazendo as reivindicações imediatas dos trabalhadores. Entretanto, o lacayo Saraiva Alves achou melhor pôr-se a salvo e demitiu-se.

Actualmente prossegue a luta pela conquista das reivindicações constantes da parte B do caderno reivindicativo, estando as operárias, os operários e demais trabalhadores dispostos a não ceder nem um milímetro e perfeitamente conscientes da natureza exploradora e rapace dos imperialistas.

A luta dos camaradas da Timex encerra alguns ensinamentos para a classe operária e todos os explorados.

Em primeiro lugar, a férrea unidade de todos os explorados em volta de um caderno reivindicativo muito concreto e a sua firmeza e determinação inabaláveis em conseguir as suas justas reivindicações.

Em segundo lugar, a constituição de uma Comissão de Trabalhadores amplamente ligada às massas e da sua confiança. De uma Comissão de Trabalhadores que jamais se deixou ludibriar e soube manter bem alto a defesa intransigente das justas posições tomadas em amplas Assembleias de trabalhadores.

E, em terceiro lugar, o total isolamento das concepções revisionistas e oportunistas e a completa neutralização das suas acções de sabotagem do movimento grevista que irrompeu de norte a sul do país.

Agora, camaradas operárias e operários da Timex, em frente pela conquista das justas reivindicações da parte B do caderno. Em frente na luta pelo Pão! Em frente pela semana das 40 horas!

Em frente pela organização do Comité Operário da Timex, arma de unidade e de luta e de vitória da classe operária! O Comité Operário deverá unir as operárias e os operários mais avançados, mais conscientes e combativos e capazes de conduzir os seus camaradas na difícil e complexa luta de classes.

Tudo para a vitória, a luta continua!

19 de Maio de 1974

OS SOLDADOS S... ORGAA

REGIMENTO FA AMADL

Mobilizados para as colónias, os soldados de duas companhias enviadas para o quartel, iniciam desde a sua chegada a forte ofensiva contra a opressão militar que visa transformá-los em carne picada da criminosa guerra colonial que a Junta e o Governo Provisório prossegue. Iniciando um levantamento de rancor recusando-se a fazer "serviços" no quartel recusando-se a participar nos exercícios militares que antecedem o embarque e magando as torpes tentativas dos representantes da Junta de quebrar a u

ATINGE UM NOVO AUGE

TORRINGTON

Quais os ensinamentos que as 300 operárias e operários da fábrica de agulhas Torrington (capital inglês, situada em Matos Chêirinho-Tires) devem extrair do seu processo de luta reivindicativa? Esta, quanto a nós, a principal questão que a greve, iniciada no passado dia 23 de Maio e concluída na tarde do dia seguinte, coloca.

Constituída uma Comissão de Trabalhadores por eleição, as operárias e operários da Torrington apresentam um caderno reivindicativo cujos pontos são a semana de 40 horas, salário de 6300\$00 para as operárias e operários, fim dos prémios, 13.º mês e um mês de férias subsidiado, bem como algumas outras regalias de carácter social: creche, melhoramentos nos refeitórios, etc.

Esta comissão eleita deslocou-se ao Ministério do Trabalho, cujo chefe é um revisionista notório do partido do Barreirinhas Cunhal, que a considerou "ilegal". Explorando uma recuada consciência política e força organizativa dos trabalhadores, o patrão apresentou uma contra-proposta que conseguiu fazer vingar: 3500\$00 para as operárias, salário mínimo; e 4700\$00 para os operários, salário mínimo.

Dois lições as operárias e operários da Torrington devem extrair da sua luta.

Primeiro: se as operárias, os operários e demais trabalhadores da fábrica elegeram uma comissão representativa, essa comissão é necessariamente legal, quer o Ministério queira, quer não. Cedendo nesta questão, a greve sai logicamente derrotada nos seus objectivos. Segundo: as operárias e os operários da Torrington compreendem, mais do que nunca, a necessidade de criação dum comité Operário, arma de unidade, de luta e de vitória, que agrupe os mais combativos da classe, que conduza, de um modo decisivo e sem vacilações, as massas na resposta à burguesia e ao patronato e que conquiste as justas aspirações dos trabalhadores. Um comité assim formado denunciará e combaterá prontamente qualquer manobra da burguesia.

Camaradas operários e operárias da Torrington! O patrão, ainda para mais, quer contrabalançar os míseros aumentos que concedeu recorrendo aos despedimentos. Ele começou já a despedir operárias, numa criminosa atitude que visa intensificar a exploração sobre a classe operária. Por um lado, concede um pequeno aumento salarial; por outro lado, despede trabalhadores, intensifica os ritmos de trabalho e recupera esse magro aumento.

Urge organizar, duma forma decidida e proletária, a condução da luta de todas as operárias, operários e demais trabalhadores da Torrington contra mais este procedimento do patronato, bem como pela conquista das justas aspirações dos trabalhadores apresentadas no caderno reivindicativo.

CONTRA OS DESPEDIMENTOS, UNIDADE FIRME E ORGANIZADA DA CLASSE OPERÁRIA!

EM FRENTE NA LUTA PELO PÃO!

S MARINHEIROS AM-SE

ANTARIA N.º 1 LISBOA)

idade e o ímpeto da sua luta, os soldados destas companhias demonstram a sua disposição de se recusarem colectivamente ao embarque, de se recusarem a servir de carruagens de Povos irmãos que lutam pela sua Independência Nacional.

Para tornar totalmente vitorioso este seu justo objectivo, devem os soldados em luta organizar-se, erguendo o seu Comité, de modo a manter até ao fim a férrea unidade que construíram até aqui, e levar à RECUSA COLECTIVA DE todos os camaradas mobilizados e à DESERÇÃO COM ARMAS.

FAMETAL

"Lutemos pela Liberdade, pela Democracia e pelo Pão que nos negam". Este cartaz anunciava a justa greve que os 100 operários da fábrica Fametal (construções metálicas, em Sacavém) desencadearam no passado dia 16 de Maio e que tem por principais objectivos aumentos salariais com o estabelecimento de um salário mínimo de 6 000\$00 para os operários "categorizados" e de 4 500\$00 para os não "categorizados", de idade inferior a 18 anos. Organizando uma Comissão Operária para apresentarem as suas reivindicações os trabalhadores da Fametal ousaram lutar pelo Pão e ousaram ir para a greve, não temendo ameaças tais como as do patrão dizendo descontar os dias de greve nas férias e tais como a dos revisionistas do Sindicato dos metalúrgicos que têm o descaramento de propor salários de 2 000\$00 a 4 500\$00, isto é, procurando impor salários nitidamente inferiores às aspirações dos operários.

A importância desta luta releva do carácter de independência, em relação às propostas dos revisionistas, que os trabalhadores da Fametal imprimiram à greve, não hesitando em lutar e mantendo-se firmes. Como diziam num outro cartaz afixado à porta da fábrica "com o susto não nos convencem. Nós continuamos a luta".

De referir, com particular destaque, que a posição dos revisionistas acoitados no sindicato dos metalúrgicos, ostensivamente laciao do patronato e vendida à burguesia, se verifica quando, através dum traiçoeiro acordo entre a Federação dos sindicatos metalúrgicos e os Grémios respectivos, negociam um abaixamento do salário mínimo para os 4 500\$00, quando, e isto já antes do 25 de Abril, a classe exige um mínimo de 6 000\$00.

Uma ampla e única resposta de todos os camaradas metalúrgicos a esta autêntica provocação aos seus interesses, por parte de quem se diz seu amigo mas não hesita em negociar nas suas costas com a burguesia e contra a classe operária, é seguir o exemplo dos trabalhadores da Fametal e da Divisão Berliet da Metalúrgica Duarte Ferreira (Tramagal), que foram para a greve, ocuparam as instalações e prosseguem combativamente na sua justa luta pelo Pão.

TRABALHADORES DE OLHÃO COM A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR

Pescadores, operários e operárias da indústria coserveira e estudantes compareceram em grande número aos comícios que os Círculos de Democracia Popular promoveram em Olhão nos dias 11 e 18 do corrente.

Em ambas as manifestações, simpatizantes do MRPP expuseram os objectivos da Revolução Democrática e Popular e falaram das últimas conquistas na luta pelo

JORNADA VERMELHA NO BAIRRO DA LIBERDADE

Enquanto a burguesia queima os derradeiros cartuchos para tentar salvar a sua ditadura e travar as massas, actualizando à última hora o aparelho de Estado e investindo em seus lacaios revisionistas, o povo luta na rua, nas fábricas, no campo, para desespero dos agentes do poder e da traição. Lideradas pela sua verdadeira vanguarda, é na rua que as massas afirmam os seus objectivos próprios de classe, travam impetuosamente a sua luta autónoma, escolhem os seus reais representantes. Esse o significado profundo, designadamente, dos comícios e manifestações que de Norte a Sul saodem as cidades e vilas do país como a fálsea que inocencia a planície.

Também para o povo do Bairro da Liberdade, em Lisboa, foi dia de luta o dia de sábado, em que, sob a bandeira rubra e a direcção do Comité de Bairro Estrela Vermelha, reafirmou a sua ténpera e a sua capacidade de luta contra a ditadura burguesa, o crime colonial e a traição revisionista. "Hoje, aqui, o Comité de Bairro fala às 19 e 30" — lia-se nas faixas que engalanavam a rua principal do Bairro. E num

OS CAMPONESES LEVANTAM-SE!

OS CAMPONESES DE ARNEIROS NUM COMÍCIO DO MRPP

Cerca de 400 elementos da população local, na sua maioria trabalhadores do campo, compareceram ao comício que simpatizantes do MRPP levaram a efeito em Arneiro, aldeia camponesa do conselho de Alenquer, em 25 de Maio.

Foi grande a participação dos trabalhadores presentes, tendo-se abordado, designadamente, o tema da guerra colonial, a questão da terra e o problema da mulher.

Nas intervenções sobre a criminosa guerra colonial - imperialista e a heróica luta dos povos irmãos das colónias, um dos presentes expôs francamente as suas dúvidas sobre a possibilidade de tornar realidade a palavra de ordem do regresso dos soldados. Mas os seus próprios camaradas mostraram, pelo esclarecimento amigo que lhe prestaram, que as ideias erradas não resistem à consciência das massas, como ali não resistiram.

Tratado o problema da terra, os camponeses falaram da sua experiência de exploradores e desapossados, do preço por que vendem a sua força de trabalho, do justo princípio "A terra a quem a trabalha".

Quanto à situação específica da mulher, o comício voltou a contribuir para a luta contra as ideias erradas: tendo um dos trabalhadores presentes posto a questão de a mulher dever ficar em casa, em vez de ombrear com o seu companheiro no trabalho até por não haver creches a que possa confiar os filhos, outras mulheres ergueram a voz para explicar que o seu direito ao trabalho é igual ao do homem e que, se não há creches para os filhos dos exploradores, a falta é própria do sistema capitalista, contra o qual importa, pois, lutar, em vez de se lhe aceitar essa ou outras consequências.

Numa clara prova dos frutos do comício, vários grupos de discussão, após o encerramento deste, permaneceram ainda no local, prolongando entre si a discussão de temas levantados pela reunião.

ALCAINS

Reveladora da força ideológica e política do nosso Movimento e da crescente pene-

tração da sua justa linha revolucionária em todas as zonas do país e em todas as camadas e sectores das massas, é a correspondência que nos vem de Alcains, assinada por um grupo de simpatizantes.

Depois da grande vitória popular que foi a manifestação do 1.º de Maio Vermelho, conduzido pelo nosso movimento também em Castelo Branco, grupos de simpatizantes constituíram-se imediatamente em algumas aldeias e vilas em redor da capital da Beira Baixa. As amplas massas populares, orientadas pelos seus elementos mais activos, compreendem de forma clara que o nosso Movimento é a única alternativa para o Povo face ao poder dos monopólios e identificam o MRPP com a vanguarda da revolução portuguesa.

Um grupo de simpatizantes coeso, estreitamente ligado às massas, constituiu-se rapidamente e começa a exercitar-se na luta política, dirigindo manifestações de 2000 pessoas! Tal é a iniciativa ilimitada das massas, a sua inesgotável capacidade criadora e a força real da nossa linha que, tomada pelas massas, se transforma numa potência material imparável.

Aos nossos simpatizantes recomendamos-lhes: 1 — O estudo atento, vivo e criador do marxismo-leninismo-maoísmo; 2 — O estudo atento, a aplicação viva e criadora dos documentos do nosso Movimento; 3 — A preparação cuidada dos quadros; 4 — O estabelecimento de ligações orgânicas, no mais estrito respeito pelos princípios da conspiratividade e clandestinidade, com o comité do nosso Movimento mais próximo.

"Sábado, dia 25 de Maio, realizou-se nesta vila (a 10 Kms. de Castelo Branco), pelas 19h 30 uma manifestação com cerca de 2000 pessoas.

Simpatizantes do MRPP agitavam entusiasticamente bandeiras vermelhas e lançaram justas palavras de ordem a que o Povo prontamente aderiu, tais como: "Guerra do Povo à Guerra Colonial"; "Regresso dos soldados"; "Nem mais um embarque"; "Pão, Paz, Terra, Liberdade, Democracia, Independência Nacional", e "O Povo Vencerá".

A seguir à manifestação, efectuou-se um comício em que foi realçada a verdadeira natureza de classe do regime emergente do 25

de Abril, se denunciou o conluio liberal-revisionista e se esclareceu que só o Povo em armas poderá estabelecer a verdadeira Democracia Popular, ou seja, a mais ampla democracia para os oprimidos e uma férrea ditadura para a burguesia.

Entretanto, estava marcada para as 21 h. uma sessão de "esclarecimento" da C"D"E de Castelo Branco. A população, ao ver chegar os representantes do reformismo na região, e reconhecendo-os como seus inimigos de classe, gritava: "Burgueses já cá há muitos" e "Não deixaremos falar os doutores da C"D"E. Estes ainda tentaram enganar o Povo e fazê-lo voltar-se contra os seus verdadeiros amigos, afirmando que o que se passava era obra de "meia dúzia de oportunistas". As pessoas presentes não se deixaram iludir e os lacaios da C"D"E acabaram as suas lições de reformismo muito antes do que esperaríamos, não sem se terem ainda referido, em termos caluniosos, à actual ofensiva da luta popular em todos os sectores da população.

Assim, um desses "democratas" afirmou, alto e bom som, que "o Povo não está preparado para tomar o Poder" e "Nós é que temos de o preparar" (ao que o Povo respondeu, gritando "Estamos preparados! Estamos preparados!") e mais ainda, que os operários não deviam pedir aumentos tão grandes de salários, porque isso arruinaria a economia nacional. Em vez de 1 000\$00, que pedissem 100 ou 200 de aumento, ou nem pedissem nada.

Mas as estas provocações e a estas calúnias torpes soube o Povo dar a resposta adequada. Esta sessão, chamada de "esclarecimento", foi-o realmente. De esclarecimento dos verdadeiros objectivos de classe do revisionismo.

Depois de os mineiros da Panasqueira terem escurado os C"D"Es da Covilhã, que tentaram a todo o custo sabotar a sua luta, esta derrota dos "ilustres democratas", em Alcains, demonstra bem a posição das massas populares da Beira Baixa face às desesperadas tentativas dos revisionistas para se infiltrarem no seu seio e, pregando uma política de colaboração de classes, travarem a irresistível caminhada da classe operária para a Ditadura Democrática e Popular ou, pelo menos, retardarem o seu ímpeto.

Mas o Povo vencerá!

INTENSIFICA-SE A MOBILIZAÇÃO DAS MASSAS POPULARES

Pão e pela Paz, num ambiente de entusiástica expressão da vontade popular que atingiu momentos dos mais altos na calorosa homenagem e memória do nosso heróico camarada Ribeiro Santos, que às mãos do conluio revisionistas-pide foi o primeiro marxista-leninista-maoísta a dar a vida pela revolução.

"Pão, Paz, Terra, Liberdade, Democracia, Independência Nacional", "Poder aos Operários e Camponeses", "O Povo Vencerá": as justas palavras de ordem do MRPP pairaram sobre as multidões como verdadeiras bandeiras do povo.

grande cartaz de parede, também na rua principal, lugar da concentração: "Camaradas! Só ao povo compete resolver os problemas do povo; e, se não for o povo a resolvê-los, alguma vez eles aparecerão resolvidos? Será que o povo tem casas dignas? Será que a exploração feita pelos capitalistas e imperialistas já acabou? Será que os povos camaradas e irmãos das colónias já são independentes? Camaradas! Só a força unida do povo remove montanhas. Juntos para termos consciência da verdadeira face da situação actual!"

Bandeiras do MRPP incendiavam o céu da tarde quando as massas se concentraram. "Governo popular" e "Guerra do povo à guerra colonial" eram expressões que avultavam entre os dísticos empunhados pelos operários do Bairro — desse bairro com tantas provas já dadas como reduto vermelho. "Vamos eleger os nossos representantes aqui, na rua, que é o lugar do povo!" — propôs um orador, cujas últimas palavras já mal se ouviram sob a ovação das centenas de pessoas presentes. E não foram caciques e doutores a propor ou eleger a comissão de representantes. O povo do bairro a escolheu, aplicando o justo critério de combinar, numa proporção conveniente, os jovens e os elementos de mais idade, os homens e as mulheres, os



Operárias de Olhão num comício do MRPP

operários e os elementos integrantes de outras camadas populares do bairro. Assim, o povo escolheu o velho operário que usava da palavra para lembrar a miséria dos alojamentos — e escolheu-o sob um clamor de "Abaixo as barracas! As casas são do povo!" O povo escolheu a vendedeira de peixe que falou da necessidade de um mercado local, das deploráveis condições em que a população do sítio a custo se abastecia dia a dia.

Durante cerca de duas horas, elementos das massas se sucederam no uso da palavra para defender os interesses e os objectivos da classe operária: em intervenções entrecortadas por grandes vagas de "Pão, Paz, Terra, Liberdade, Democracia, Independência Nacional", "MRPP", "Nem fascistas, nem liberais, nem revisionistas", sobressaíram os apelos à luta pela semana de 40 horas, a denúncia da traição revisionista e das tentativas do partido do ministro

Cunhal para fazer os trabalhadores renunciar à greve, o ataque à provocação do salário mínimo de 3300\$00 ("Salário de fome!", gritavam as massas), a impetuosa defesa da independência imediata e completa separação das colónias.

(continua na pág. 6)



QUE VIVA ESTALINE

(continuação da pág. 8)

24 — O PARTIDO do Trabalho da Albânia, dirigido pelo camarada Enver Hoxha e o Partido Comunista da China, sob a direcção do camarada Mao Tsé-tung constituíram desde logo a vanguarda do proletariado mundial nesta batalha histórica contra o revisionismo moderno.

Daí para cá, os êxitos obtidos pela linha revolucionária marxista-leninista são magníficos e a situação actual é excelente. O carácter e a natureza de classe reacção do revisionismo, do social-fascismo e do social-imperialismo foi posto a nã os olhos das massas trabalhadoras de todo o mundo. O isolamento da renegada camarilha revisionista soviética, bem como das suas agências no estrangeiro, é absolutamente irreversível.

25 — SIMULTANEAMENTE, reforçou-se como nunca a frente mundial anti-imperialista, com a China como base vermelha da Revolução; alcançou-se uma unidade nova e superior no seio do movimento comunista internacional, na base dos princípios e dos métodos do marxismo-leninismo-maoísmo; fortaleceu-se o poder político, económico e militar do conjunto dos países socialistas.

Por outro lado, em todos os países existem já, ou estão em vias de constituir-se, autênticos partidos revolucionários do proletariado, partidos fiéis ao marxismo-leninismo e dignos da Grande Revolução Cultural Proletária. E isto, inclusive, no próprio país social-imperialista.

26 — VIMOS, portanto, que em relação aos genuínos partidos comunistas, marxistas-leninistas, as teses revisionistas do XX Congresso não conseguiram penetrar. Tais teses contra-revolucionárias não só foram firmemente recusadas pelos autênticos partidos comunistas como, em resultado do combate puro que foi necessário opor-lhes, acabaram por fortalecer ainda mais as suas fileiras.

Contudo, em relação a certos partidos ditos comunistas o mesmo não se verificou. Esses partidos não só não combateram, no mínimo que fosse, o "novo curso" revisionista, como se apressaram até a exibir imediatamente nas suas próprias montras a "nova" encomenda despachada de Moscovo.

No número destes últimos, conta-se o chamado Partido Comunista Português.

27 — POR CONSEQUENTE, em relação à mercadoria revisionista posta à venda no XX Congresso do PCUS pelo magarefe Krouchtchev, os diversos partidos comunistas existentes dividiram-se em dois grupos radicalmente antagónicos: o grupo dos que consideram a mercadoria excelente e se fizeram dela clientes e revendedores, a retaliação e por grosso; e o grupo dos que consideram, muito justamente, que jamais se deveria deixar passar semelhante mercadoria na alfândega do proletariado e que, portanto, era seu dever queimá-la na praça pública.

Ao primeiro grupo pertence — entre outros — o Partido dito Comunista Português.

28 — É EVIDENTE que a atitude que adoptaram face ao revisionismo destilado no XX Congresso e a posição que tomaram na luta que subsequentemente se travou serviram, antes e além de mais, para revelar na prática quais os partidos comunistas que tinham e seguiam uma linha proletária e quais os partidos que, embora sob o nome de comunistas, tinham e seguiam já uma linha burguesa e reacção.

De facto, não foi por terem "comprado" a mercadoria vendida no XX Congresso que os partidos do tipo do Partido "Comunista" Português se transformaram em revisionistas. Ao contrário — foi porque os partidos do tipo do Partido "Comunista" Português tinham já há muito degenerado em partidos revisionistas que eles se apressaram a "comprar" a mercadoria vendida no XX Congresso.

29 — SÃO duas coisas radicalmente diferentes no seu significado e alcance, tanto teórico como prático: uma, o dizer-se que o Partido "Comunista" Português se tornou revisionista, porque adoptou as teses do XX Congresso; outra, o dizer-se que ele adoptou as teses do XX Congresso porque já era revisionista.

Como são duas coisas completamente distintas no seu significado e alcance, tanto

teórico como prático: uma, o determinar o momento em que um partido comunista — supondo que o P^{CC}P alguma vez o fosse — se transformou em revisionista; outra, o determinar o momento em que os comunistas tomaram consciência dessa transformação.

É óbvio que entre os dois momentos — o da transformação objectiva e o momento do conhecimento subjectivo dessa transformação — pode mediar um intervalo de tempo maior ou menor.

30 — A IMPORTÂNCIA prática desta questão liga-se ao problema das cisões que tiveram lugar no seio dos antigos partidos comunistas, cujas direcções se mantiveram fiéis à sôcia dos renegados revisionistas soviéticos.

Assim que os marxistas-leninistas dos respectivos países se tornaram conscientes do triunfo político, ideológico e organizativo do revisionismo nos seus próprios partidos; e uma vez que se aperceberam de que a ruptura com o revisionismo era não só inevitável como imprescindível para poder fazer-se a revolução e construir o socialismo — a reorganização do Partido do Proletariado passou a ser para eles um dever inadiável e a sua tarefa central.

31 — MAS para começar a executar a tarefa urgente da reorganização do partido, os elementos mais conscientes e avançados do proletariado têm de definir previamente e no fundamental duas coisas: a linha política, ideológica e organizativa que deve presidir à reorganização; e a demarcação clara dos marxistas-leninistas face aos revisionistas do antigo partido.

Para obter esta demarcação clara é indispensável determinar o momento a partir do qual o antigo partido comunista se transformou objectivamente no seu contrário, isto é, num partido revisionista moderno; e, além disso, encontrar as causas e as condições que explicam essa transformação.

32 — ISTO implica que toda a teoria e a prática passadas do antigo partido comunista sejam submetidas a uma análise materialista e a uma crítica em termos marxistas-leninistas.

Mas a crítica ao antigo partido comunista, na medida em que é encabeçada por elementos marxistas-leninistas saídos do seu seio, é absolutamente indissociável da auto-crítica desses mesmos elementos — os quais são também responsáveis pela transformação revisionista que se operou no partido onde sempre militaram.

33 — EM ALGUNS países, porém — como são os casos de Portugal e da Itália, por exemplo — os elementos que, membros do antigo partido comunista tomaram a seu cargo a tarefa de reorganizar as fileiras dos marxistas-leninistas, não foram capazes, por virtude do oportunismo a que se ataquinhavam, de levar até às últimas consequências a análise crítica e a auto-crítica que se impunham.

A moral da história é a de que, nas fileiras de um partido revisionista, até os elementos anti-revisionistas estão marcados com o selo do revisionismo.

34 — AGARRARAM-SE, então, esses elementos a uma suprema mistificação, através da qual julgaram poder escamotear aos olhos das massas a quota parte de responsabilidade pesada e própria que tiveram no processo de degenerescência revisionista do "seu" partido.

Essa mistificação ideológica consistiu em considerarem que o antigo partido comunista — do qual sempre fizeram parte e com o qual sempre estiveram em "coexistência pacífica" — se transformara em partido revisionista, no momento em que eles tiveram consciência da dita transformação.

35 — COLOCADAS as coisas neste pé, eles apenas teriam de "auto-críticar-se" pelo facto de não terem tido mais cedo consciência do fenómeno. Mas é evidente que esta pseudo-auto-crítica é um verdadeiro auto-elogio, na medida em que, ainda assim e apesar de tudo, eles teriam sido os primeiros a aperceberem-se do mal... As massas não tinham mais do que renderem-se à "clarividência" desses líderes, ainda que pensassem lá para si que em terra de cegos quem tem um olho é rei!

Para que aquela mistificação tivesse uma certa aparência de verdade, faltava ainda explicar o seguinte: qual a causa, ou as causas reais da transformação meteórica do partido comunista em partido revisionista?

36 — AQUI, esses elementos "marxistas-leninistas" vêm-se apanhados na sua fraude ideológica. E, para escondê-la, recorrem a uma segunda fraude, verdadeiramente delirante. Ouçamos a "explicação" da confraria neo-revisionista:

"O Partido Comunista cessara de existir como tal em 1956."

Então, porquê? — perguntamos nós. E esses pândegos da lumpem-emigração, baralhando a mão direita com a mão esquerda, confundindo o branco com o preto e a causa com o efeito, respondem-nos: por virtude de "o afastamento por doença do camarada José Gregório" e do "advento do revisionismo na URSS" — Informe ao V Congresso (Reconstitutivo) do P "C" de P, pág. 18.

37 — EM RELAÇÃO ao processo de desenvolvimento do Partido dito Comunista Português, o triunfo do revisionismo na União Soviética e o afastamento por doença do "camarada" José Gregório, têm o carácter de factores externos e funcionam apenas como tal, quer dizer, funcionam apenas nessa qualidade de factores ou causas externas.

Por maior que seja a sua importância e alcance, esses factores só podem exercer-se no processo de desenvolvimento e transformação do partido dito comunista através de causas internas. O que é essencial é encontrar estas causas internas, sendo absolutamente secundário — embora necessário — o conhecimento dos factores externos.

38 — TODOS os marxistas-leninistas sabem que "a causa fundamental do desenvolvimento dos fenómenos não é externa, mas interna; ela reside no contraditório do interior dos próprios fenómenos". E sabem que as causas externas "são apenas capazes de provocar o movimento mecânico dos fenómenos, isto é, modificações de volume, de quantidade, não podendo explicar porque os fenómenos são duma diversidade qualitativa infinita, a razão porque passam duma qualidade a outra" (da Contradição).

Neste sentido, tanto o triunfo do revisionismo na União Soviética exerceu uma influência indirecta no processo de degenerescência dos velhos partidos comunistas, como a degenerescência dos velhos partidos comunistas exerceu uma influência indirecta no triunfo do revisionismo na União Soviética.

39 — O NOSSO Movimento foi o primeiro — e o único — a proceder a um balanço crítico de conjunto, na base dos princípios e métodos do marxismo-leninismo-maoísmo, dos cinquenta anos de actividade do Partido "Comunista" Português (ver Bandeira Vermelha n.º 1) — cumprindo, assim, no essencial, uma das condições necessárias e prévias à reorganização das hostes comunistas nas condições concretas da revolução em Portugal.

A conclusão geral extraída desse balanço é a seguinte: o Partido "Comunista" Português, a despeito do nome que desde o princípio ostentou, seguiu, ao longo da sua história e no fundamental, sempre uma linha oportunista e não uma verdadeira linha marxista-leninista. Em certos momentos episódicos, sob pressão da sua base operária, do movimento de massas e do movimento comunista internacional, viu-se obrigado a fazer certas concessões ao proletariado e ao povo, sempre sem revelar qualquer disposição prática de as cumprir e renegando-as na próxima oportunidade.

40 — A CISÃO da confraria neo-revisionista não tem, por conseguinte, o carácter e a natureza duma ruptura entre o marxismo-leninismo-maoísmo e o revisionismo moderno, mas o carácter e a natureza duma divisão no seio do próprio revisionismo. Eles são os neo-revisionistas, na nossa terminologia, e para os "distinguir" do revisionismo cunhalista. Eles são os Breszhnev, enquanto Cunhal é o Krouchtchev. Ou doutra maneira: eles são, em Portugal, os Liou Chao Chis da China.

A cisão dessa gentilha com o cunhalismo é uma tentativa de perpetuar, sob novas vestes, o velho revisionismo. Por outro lado, a cisão dessa gentilha constitui o começo da desagregação do partido revisionista.

41 — QUANTO ao nosso Movimento, as divergências que o opõem ao partido cunhalista e a todos os seus filhos e netos são absolutamente inconciliáveis e antagónicas. Não se trata de divergências meramente táticas ou sequer estratégicas, mas

ideológicas e fundamentais. Nestes termos, o nosso Movimento propõe-se a organização dum novo Partido sobre a base dos princípios e métodos do marxismo-leninismo-maoísmo, fundindo intimamente a teoria e a prática do proletariado mundial, tal como foram sintetizadas e sistematizadas por Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao Tsé-tung, com o movimento operário português — o do passado, o do presente e o do futuro.

42 — CELEBRAR Estaline é, para nós, educarmo-nos na escola que eles nos legou, cerrarmos punhos e dentes, unirmo-nos ainda mais sob a sua bandeira vermelha e marcharmos a uma só cadência, confiantes e audazes, para a tarefa da fundação do partido marxista-leninista-maoísta do proletariado português.

A atitude perante Estaline é uma pedra de toque infalível para distinguir hoje no mundo quem são os marxistas-leninistas e quem são os revisionistas de todos os matizes e tendências.

43 — EM RELAÇÃO ao grande Lenine, os revisionistas modernos, com a clique renegada de Brezhnev e C.ª à frente, fingem hipocritamente venerá-lo e segui-lo, invocando a cada passo o seu nome na esperança vã de fazer passar aos olhos das massas como leninismo "puro" aquilo que outra coisa não é senão uma pacotilha revisionista, social-fascista, social-imperialista e social-militarista.

Mas em relação ao grande Estaline, os revisionistas nenhuma espécie de hipocrisia se consentiram. Estaline estava demasiado vivo no coração e na inteligência dos revolucionários e dos povos de todo o mundo, para que os revisionistas o pudessem acreditar morto no seu mausoléu do Kremlin.

44 — EM TODO o lugar onde seja pronunciada esta simples palavra: Estaline! — logo um poderoso campo magnético expete para a direita a escumalha revisionista, os reacçãoários e todos os seus lacaios, e agrupa firmemente à esquerda os marxistas-leninistas, os revolucionários, o proletariado e as amplas massas do povo, isto é, os discípulos de Estaline.

Ainda agora, os imperialistas ianques acabam de anunciar as maiores manobras militares de Inverno levadas a cabo pela Nato na Europa. Têm a duração prevista de dois meses, envolvem forças de terra, mar e ar, empregam 50 mil soldados, dos quais 10 000 serão deslocados das suas bases na "rectaguarda" americana em 24 horas, etc., etc. Começarão no dia 9 de Janeiro do próximo ano e terminarão — adivinhem! — no dia 5 de Março.

Significativo! Vinte anos após a morte do grande Estaline!

45 — COM RESPEITO a Estaline, aparece também uma terceira via que procura conciliar o inconciliável e harmonizar os contrários em luta. Originariamente aparecida na França e na Itália, essa via conta com uma representação em Portugal.

Esses histriões, quando tratam deste assunto, declaram logo na 1.ª linha que "Estaline foi um eminente marxista-leninista" e levam as restantes duzentas linhas a denegrir o eminente marxista-leninista que foi Estaline.

Contra-incríveis direitistas. Não resistem à contra-prova do campo magnético!

46 — NO DIA 21 de Dezembro de 1979, celebrar-se-á em todo o mundo o centenário do nascimento do camarada J. V. Estaline.

Nós festejá-lo-emos, sem dúvida, melhor do que vamos agora assinalar o vigésimo aniversário da sua morte.

Trabalhar arduamente para realizar as condições necessárias à fundação do Partido — eis, na hora actual, a nossa tarefa de combate! A nossa maneira de celebrar Estaline!

Devemos fazer nossas as palavras do camarada Mao Tsé-tung, escritas em 1939:

47 — "FESTEJAR Estaline não é uma formalidade. Festejar Estaline é tomar o partido de Estaline, da sua causa, da vitória do socialismo, do rumo que assinalou à Humanidade, é tomar o partido dum amigo íntimo, já que a maioria dos homens vive actualmente no sofrimento e não pode libertar-se a não ser seguindo a rota indicada por Estaline e com a ajuda de Estaline."

QUE VIVA ESTALINE!

MOÇÃO APROVADA NO BAIRRO DA LIBERDADE

No decorrer da reunião foi aprovada uma moção, em que além dos problemas próprios do bairro, salientamos pela justa posição assumida pelos moradores, o seguinte:

Quanto aos problemas gerais da luta do Povo português:

a) Exigir a imediata e completa independência para os Povos irmãos das colónias, condenando qualquer forma neo-colonialista que continue a exploração imperialista, incluindo nesta desde a tese da federação até à tese revisionista do referendo;

b) Saudar o Povo da Boavista e os camaradas operários em greve achando que as lutas desenvolvidas por esses camaradas são a única forma justa do movimento de massas e do movimento operário conquistarem os seus objectivos imediatos, e de lutar contra a burguesia liberal e o revisionismo, seu lacai menor.

TRABALHADORES DE OLHÃO COM A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA POPULAR

Pescadores, operários e operárias da indústria conserveira e estudantes compareceram em grande número aos comícios que os Círculos de Democracia Popular promoveram em Olhão nos dias 11 e 18 do corrente.

Em ambas as manifestações, simpatizantes do MRPP expuseram os objectivos da Revolução Democrática e Popular e falaram das últimas conquistas na luta pelo Pão e pela Paz, num ambiente de entusiástica expressão da vontade popular que atingiu momentos dos mais altos na calorosa homenagem à memória do nosso heróico camarada Ribeiro Santos, que às mãos do conluio revisionistas-pide foi o primeiro marxista-leninista-maoísta a dar a vida pela revolução.

"Pão, Paz, Terra, Liberdade, Democracia, Independência Nacional", "Poder aos Operários e Camponeses", "O Povo Vencerá": as justas palavras de ordem do MRPP pairaram sobre as multidões como verdadeiras bandeiras do povo.

FOGO SOBRE O REVISIONISMO

A greve dando às massas a consciência da sua força revela-lhes que são eles os criadores da história e que é a eles que pertence o futuro. Daí a imensa importância das greves para a classe operária, como a escola onde ela adquire experiência de luta. Por isso mesmo elas são tão recedidas pelos burgueses do M^DP, que procuraram travar o ímpeto popular. O avanço da luta de massas põe a descoberto a sua verdadeira face.

A classe operária tem que optar entre o capitalismo com o seu cortejo de misérias, com a desenfreada exploração por parte da burguesia monopolista e a Revolução Democrática e Popular que é a única solução para todos os ramos podres da sociedade em que vive. A luta contra o caos económico, entra a crise e contra o contra-golpe fascista que é um produto de capitalismo é a luta pela Revolução, única e radical remédio para os males desta sociedade decadente.



VIVA A AMIZADE PORTUGAL-CHINA

Foi com profunda alegria que "Luta Popular", em nome dos marxistas-leninistas-maoístas portugueses, saudou a histórica iniciativa de constituição da Associação de Amizade Portugal-China, no passado dia 16 do corrente, iniciativa que pertenceu a um grupo de anti-fascistas, democratas e patriotas do nosso país. No seu número anterior, "Luta Popular" oportunamente transcreveu na íntegra a importante Declaração sobre a constituição de tal Associação, documento esse silenciado e censurado em praticamente toda a imprensa burguesa.

Truncada e omitida por liberais e revisionistas nesses mesmos órgãos, foi igualmente a conferência de imprensa que assinalou, no passado dia 21, a abertura da Exposição da Associação de Amizade no pavilhão da cantina da cidade universitária de Lisboa, e onde se explicitaram importantes aspectos relativos aos objectivos e tarefas que se propõe aquela organização de amizade popular. A conferência de imprensa, que decorreu no pavilhão da exposição e na presença das centenas de pessoas que acorreram à abertura, teve a participação de três dezenas de jornalistas e repórteres da rádio, do cinema e da televisão. Tanto uns como os outros viram o seu trabalho praticamente todo destruído pelos novos censores do poder burguês.

"Luta Popular", voz livre e indomável da classe operária e do povo ao relatar nas suas colunas tal conferência de imprensa onde também compareceu, e ao realizar a reportagem da referida exposição que igualmente visitou, pretende não só dar o seu modesto contributo ao estreitamento das fraternas relações de amizade entre o povo português e o povo chinês, como manifestar a sua total e militante solidariedade com os jornalistas e repórteres amigos da China, anti-fascistas e patriotas, alvos das provocações e da repressão revisionista.

A exposição da Associação de Amizade Portugal-China constitui, pelo carinho, pela minúcia, pela beleza com que foi construída, pelo volume e variedade de materiais apresentados uma grande e afectuosa manifestação de fraternidade do nosso povo para com o povo chinês irmão. Dezenas de bandeiras da República Popular da China, de outros rubros estandartes, e grande número de flores decoravam a sala desta primeira exposição a cujo topo se podiam ver, numa grande faixa vermelha, os retratos dos cinco grandes dirigentes e educadores do proletariado mundial, Marx, Engels, Lenine, Estaline e Mao Tsé-tung, bem como, logo à porta da entrada, um grande retrato do camarada Ribeiro Santos, a quem a Associação assim prestava a sua homenagem. Numerosos e variados dísticos multicolores, colocados quer no pavilhão da exposição, quer nos corredores de acesso, saudavam a indestrutível amizade dos dois povos irmãos.

Foi neste ambiente de exaltação e fraternidade para com a República Popular da China e para com o povo chinês, que teve lugar a conferência de imprensa. Esta iniciou-se com a leitura da Declaração sobre a constituição da Associação de Amizade Portugal-China. Seguidamente a mesa que presidia à tal conferência, constituída por homens e mulheres, jovens e crianças, amigos da China e oriundos de diversas classes sociais e sectores de opinião democrática, anti-fascista e patriótica, passou a responder às perguntas dos jornalistas.

Na sequência destas puderam reafirmar que a Associação, tal como refere a sua Declaração constitutiva é aberta a todos os portugueses anti-fascistas, democratas e patriotas e que nessa medida a Associação é um organização não filiada em qualquer agrupamento político. Anunciaram a constituição duma comissão honorária e a publicação dos estatutos para dentro de dias, referindo ter já seguido uma mensagem anunciadora da constituição da Associação para a República Popular da China. Os organizadores puderam afirmar que o material exposto, à excepção do oferecido no decurso da montagem da própria exposição, fora todo ele sendo reunido e preparado durante a ditadura fascista, tendo-nos confiado que a sua circulação se fazia clandestinamente nas zonas operárias e populares. A novas perguntas acentuaram que a Associação contava exclusivamente para o apoio das suas actividades com a ajuda e simpatia das massas que se vinham manifestando de múltiplas maneiras. Referiram seguidamente estar já assegurada a

abertura de delegações da Associação em vários pontos do país, o que será precedido pela circulação da sua exposição por múltiplos centros operários, zonas rurais, etc., segundo um plano já começado a executar e que noutro lugar referiremos. A perguntas feitas relativamente à posição da Associação face à questão de Taiwan e de Macau os organizadores reafirmaram as três exigências apresentadas perante o Estado português pela Associação de Amizade, na sua declaração constitutiva. Relativamente à atitude da Associação face a alguns aspectos reafirmaram, ainda citando a Declaração, a sua total adesão aos cinco princípios da coexistência pacífica seguidos pela República Popular da China nas suas relações internacionais com estados de sistema social diferente. Ao encerrar a conferência de imprensa e após agradecimento formal aos jornalistas e a todos os amigos da China ali presentes, os organizadores informaram estarem abertos na exposição livros para recolha das críticas e sugestões, bem como das adesões à Associação.

A exposição da Associação, segundo podemos atentamente observar, é constituída por centenas de livros, revistas, cartazes, postais, fotos, selos, etc., incidindo sobre os mais importantes temas da história da Revolução e da construção do socialismo na China. Aí se foca o papel do Partido Comunista e do Exército, se historicam os acontecimentos mais relevantes da Revolução Democrática e Popular, e da Revolução Socialista se sintetiza o balanço das dez grandes lutas entre as duas linhas no interior do Partido Comunista da China, com relevo para a Grande Revolução Cultural Proletária e para o movimento de crítica a Lin Piao e rectificação do estilo de trabalho. A Cultura Nova e as conferências de Yenan, o papel da mulher na sociedade chinesa, o trabalho nas fábricas e nos campos, a geografia da China, o seu artesanato e arqueologia, a medicina tradicional, etc., eis alguns dos temas tratados e comentados na exposição.

Segundo pudemos constatar, aos materiais expostos foram-se juntando diversas ofertas de amigos da China, dentre as quais podemos referir uma colecção de revistas em Esperanto, várias colecções de selos, colecções de gravuras e mais de uma centena de revistas.

Durante esta sua primeira permanência em Lisboa, a Exposição foi visitada por mais de 15 000 pessoas. Registámos a presença de homens, mulheres e crianças dos bairros populares da Horta Nova, Boavista, Liberdade, Relógio Padre Cruz, Quinta dos Ourives (onde o comité de bairro alugou um autocarro para o Povo se poder deslocar) etc. Pudemos também verificar a presença de grupos de operários vindos não só de fábricas de Lisboa, como também de Sacavém, Vila Franca de Xira, Alverca, Montijo, Alhos Vedros, Barreiro, etc.. Estudantes e intelectuais progressistas amigos da China, soldados e militares anti-colonialistas, empregados, etc., também aí pudemos encontrar. Nota de juventude e optimismo, tão de acordo com o espírito da exposição, foi dada pelos numerosos grupos de crianças dos bairros populares e das escolas, que num total de mais de 1000 se organizaram para visitar a exposição, onde publicações, gravuras, pinturas e outras iniciativas próprias os aguardavam.

Nos dias 22, 23 e 24 e 25 foi levado a cabo um programa cultural com debates sobre a "Amizade do Povo Chinês com os Povos de Todo o Mundo" e, a concluir, sobre as "Perspectivas da Associação de Amizade". Uma média de 300 pessoas acorreram e participaram vivamente a cada uma destas sessões de debate.

Foram publicados Textos de Apoio relativos à grande Revolução Cultural Proletária, bem como contos chineses, um dos quais para crianças.

Encerrada esta primeira exposição em Lisboa, e seu programa de deslocamentos terá que responder às 3 dezenas de convites que lhe foram dirigidos de todos os pontos do país. Itinerário imediato: de 28 do corrente a 1 de Junho, Vila Franca de Xira, na Casa do Povo, diariamente das 18 às 24h e no sábado a partir das 14h. Na 4.ª, 5.ª, 6.ª feira e sábado, terão lugar debates com temas idênticos aos já referidos. De 2 a 16 de Junho, a Associação abrirá um pavilhão de exposição na Feira do Ribatejo.

"Luta Popular" continuará a acompanhar a vida da Associação de Amizade, bem como as suas realizações.

A CLASSE OPERÁRIA ATACA EM TODAS AS FRENTE

(continuação da pág. 4)

SIMÕES & C.ª Ld.ª

As 1000 operárias e operários do sector têxtil da fábrica Simões & C.ª Ld.ª (Benfica) mantêm, desde o passado dia 14 de Maio, uma heróica e grande greve contra os salários de fome e a miséria. Organizando imediatamente uma Comissão de Trabalhadores, composta por 16 elementos, eleita pelos trabalhadores e da sua estrita confiança, os operários da Simões & C.ª Ld.ª ocupam as instalações da fábrica e, dia e noite, vigiam o cumprimento integral da greve.

A luta firme desde operários, sector altamente explorado sa produção, desencadeia-se pelo aumento geral e imediato de 1 000\$000 nos salários, miseráveis salários que vão desde 1 600\$00 e cuja média geral não ultrapassa os 2 500\$00, bem como a expulsão dos 4 cães de fila do patrão que mais se têm distinguido nas suas acções repressivas e provocatórias, em particular para com as operárias.

Sendo parte do salário recebido respeitante à atribuição dos "prémios", os trabalhadores da Simões exigem, por parte do patrão, a imediata suspensão deste sobre-explorador sistema.

Perante a resoluta determinação e a forte unidade e combatividade das massas operárias, cada vez mais dispostas a levar a luta até ao fim, o patrão passa ao contra-ataque.

Sendo cerca de 80 % dos trabalhadores constituído por operárias, joga em traçoceiras manobras de divisão, única forma de procurar quebrar a luta e a decisão das massas. Concede um salário mínimo de 3 300\$00 ao sector feminino, convidando as operárias mais hesitantes a retomar o trabalho com o objectivo de desmobilizar a greve.

Os operários, embora em minoria, mantêm-se firmes e prosseguem na greve. Assim, no dia 27, 13 dias de luta árdua decorridos, o patrão lança uma contra-proposta onde, a troco do "recomeço imediato da laboração fabril" se propõe contemplar os operários com um aumento de 500\$00, e não abrangendo os aprendizes, com menos de 18 anos, ao mesmo tempo que convida os operários a passarem as mensais, em substituição do sistema de pagamento à quinzena, aí em vigor. Porém uma condição: os operários seriam pagos ao mês, mas apenas no correspondente a 26 dias.

Os trabalhadores da Simões, a isto, dizem duas coisas: 1.º, estão há 13 dias em greve com ocupação da fábrica, não olhando a fadigas e sacrifícios, exigindo um aumento salarial de 1 000\$00, jamais metade; 2.º, sempre lhes ensinaram que o mês tem 30 dias, jamais 26. E concluem: a luta continua, a greve continua até à completa satisfação das suas exigências.

E concluem mais: a manobra de divisão que consistiu, da parte do patrão, em aliciar as operárias com o salário de 3 300\$00 só visa a derrota da sua heróica greve. No momento em que escrevemos os operários e as próprias operárias denunciavam claramente e resolutamente a manobra do patronato, as operárias estão decididas a voltar à paralisação imediata do trabalho, juntando-se, numa só massa, com todos os trabalhadores em luta, até à satisfação completa, radical e integral das suas reivindicações, o único objectivo porque osaram lutar.

"Luta Popular" saudou calorosamente e de punho bem erguido desta grande e abnegada greve dos operários e operárias têxteis da Simões e exorta-os a prosseguirem sem desfalecimentos na sua inteira e justa luta pelo Pão, contra os salários de fome, contra o sobre-explorador sistema dos prémios, pelas 40 horas semanais, pelo salário igual para operários e operárias, pelo aumento de igual para os aprendizes, pela expulsão imediata dos 4 laiaos provocadores e lambe-botas.

O POVO VENCERÁ!

A LUTA NA PLESSEY

Na Plessey Automática Eléctrica Portuguesa, em Cabo Ruivo, realizou-se no dia 23 uma reunião geral de trabalhadores com vista à constituição de um conselho de trabalhadores, tendo sido apresentada uma lista previamente elaborada em colaboração com a administração da Plessey (de que faz parte o "liberal" Francisco Pinto Balsemão). Esta manobra, destinada a apunhar os operários

em luta, deparou, porém, com a firme e consciente oposição dos trabalhadores da Plessey, que não abandonaram a sua correcta exigência: que o conselho de trabalhadores seja constituído por representantes eleitos em cada secção e destituíveis sempre que se verificar terem deixado de servir os interesses dos trabalhadores que os egeram.

AS MANOBRAS REVISIONISTAS NA MESSA

Já depois de ter recebido na redacção da "Luta Popular" o relatório que mais abaixo se transcreve, enviado por um grupo de operários, soubemos que a situação da luta na MESSA (máquinas de escrever, situada em Algueirão), se alterou radicalmente.

As forças de choque do revisionismo tudo fizeram no sentido de sabotar o prosseguimento da greve e, ao fim de porfiados esforços, assim o conseguiram. Para tal se serviram dos habituais métodos fascistas, de calúnia e provocação.

Aproveitando a ausência da Comissão Operária nas instalações da fábrica no domingo dia 26, infiltraram-se no seio das massas operárias, procurando lançar o descrédito na comissão, denunciando dois dos seus elementos mais activos, propagandando calúnias tais como que a comissão estava paga para fazer a greve, que a CIA andava a financiar tais propósitos, etc.

Toda a miserável acção de sabotagem do revisionismo vem desde logo com a manobra demagógica, prontamente denunciada pelo nosso Movimento de, antes do 25 de Abril, apresentar através do Sindicato dos Metalúrgicos um caderno reivindicativo propondo um salário mínimo de 6000\$00 e semana de 40 horas, reivindicando pela primeira vez formulada pelo M. R. P. P. Esta manobra visava, com promessas pelas quais jamais tinham pensado lutar, empurrar as massas operárias para o sindicato fascista, de modo a melhor as poder apunhar pelas costas. Assim era que, num majestoso acto de vassalagem para com o patronato e de traição à classe, os revisionistas acabam de "esquecer-se" das suas propostas demagógicas e ajoelham-se ante um salário mínimo de 4500\$00 e um horário semanal de 45 horas.

A demagogia dos revisionistas, para desorientar as massas e dividi-las, diz o seguinte: o patronato simplesmente "não pode" pagar aos explorados um salário de 6000\$00. A classe operária, essa sim, deve continuar a viver com 4500\$00 e deve continuar a permanecer passiva com o que o patrão lhe quer pagar. O revisionismo, porque é um destacamento da burguesia e está ao seu serviço, põe os problemas não do ponto de vista do proletariado e dos explorados, mas do ponto de vista da burguesia e dos exploradores. O patrão tem de manter a sua taxa de exploração, portanto a classe operária deve aceitar candidamente que a continuem a espezinhar e a roubar. O proletariado deve aceitar aquilo que a burguesia lhe quer dar, para que esta possa aumentar sempre mais os seus fabulosos lucros: esta, a demagogia dos revisionistas.

CRONOLOGIA DA LUTA

1.º dia — 16 de Maio

Neste dia, às 15 horas, foi convocada uma Assembleia Geral na qual estavam presentes não só todos os operários e operárias da Fábrica, como também todos os empregados do escritório.

Esta Assembleia, convocada pela Comissão Operária (eleita anteriormente pelos próprios operários, sendo constituída por 7 homens e 2 mulheres), tinha por objectivo:

- 1.º — Transmitir aos operários qual a posição da Administração face ao caderno reivindicativo que lhe tinha sido apresentado;

- 2.º — Auscultar a opinião dos operários sobre a forma de luta a adoptar para obter a satisfação das suas reivindicações.

A 5 das reivindicações exigidas a Administração respondeu peremptoriamente: NÃO, alegando que neste momento a empresa está a atravessar uma grave crise económica, sendo até bastante provável a falência. Eram estas:

- 1.º — Semana das 40 horas;
- 2.º — Salário mínimo 6000\$00; Salário igual para trabalho igual;
- 3.º — Trabalho de menores:
 - Fazendo o mesmo trabalho de um adulto: 6000\$00;
 - Caso contrário: 3500\$00;

4.º — 13.º mês — 14.º mês;

5.º — Um mês de férias e mês e meio de subsídio.

As restantes reivindicações a Administração respondeu afirmativamente.

A resposta da totalidade dos operários e empregados de escritório, foi apenas uma: A GREVE — COM PARALIZAÇÃO TOTAL DE TRABALHO E OCUPAÇÃO DA FÁBRICA.

A partir deste momento a Comissão ocupou-se logo da distribuição de tarefas e da formação de piquetes.

Mais tarde, cerca das 12 horas, chegaram elementos das forças armadas a pedido da Administração, "a fim de evitarem os distúrbios que se estavam a dar", o que eles verificaram logo à sua chegada à fábrica ser pura mentira.

Três destes elementos (1 major, um alferes e um aspirante) falaram com a Comissão, a qual lhes expôs a situação.

Por volta das 23 horas a Comissão reuniu novamente com a Administração em presença das Forças Armadas.

Nesta reunião, a Administração manteve a mesma posição em relação às reivindicações exigidas.

Estavam indignadíssimos com a ocupação da fábrica, exigindo a imediata retirada dos operários, ao que a Comissão respondeu que "apenas aos operários cumpria decidir da sua luta".

As forças armadas diziam que devíamos realmente lutar pelos nossos direitos mas que a Greve não era o mais indicado, pois que, atitudes destas contribuem para levar o país ao caos económico.

Como até às 3 horas da manhã a Administração não recebesse qualquer resposta dos operários, saiu da fábrica considerando-a encerrada.

Por volta das 5 horas da manhã, a Comissão convocou nova Assembleia à qual comparecem cerca de 1500 operários. A decisão da Administração não influíu em nada os operários, que decidem continuar a luta.

As forças armadas ainda tentam um discurso desmobilizador, mas quem acabou por ficar desmoralizado foram eles próprios, ante a firmeza inabalável das massas pessoas.

Neste mesmo dia, às 18 horas da tarde, houve uma reunião com a Administração, mais se adiantando. A única coisa que decidiram foi em relação aos retroactivos, dizendo que seriam pagos a partir de 17 de Maio. Convidados que isto seria o suficiente para os operários se retirarem da fábrica. Esta reunião durou 5 horas.

Enquanto a Comissão estava reunida houve uma tentativa (por parte da Administração) para que o pessoal do escritório fuzasse a greve. Estes aperecebendo-se da armadilha que lhes estavam a tramar, fizeram um abaixo-assinado dirigido aos operários no qual denunciavam esta acção, reafirmando a sua posição de total aderência. Foi convocada nova Assembleia na qual os operários repudiaram a armadilha dos retroactivos, decidindo continuar a luta.

3.º dia — 18 de Maio, Sábado

De manhã, por via telefónica, informou-se a Administração da decisão dos operários.

Mais tarde a Comissão enviou um telex a um dos administradores (Eng.º Magalhães) dizendo que recusava qualquer negociação com os outros dois administradores (Eng.º Galo e Vinhas).

Na 2.ª-feira seguinte apareceram na empresa 2 delegados sindicais, um metalúrgico e outro representante dos empregados de escritório (P.º C.º P.º). Saíram da fábrica completamente desmascarados.

No dia seguinte, em Assembleia, fez-se o saneamento de 5 pessoas ligadas à Administração (Dr.º Carolina, Eng.º Galo, Almeida Ricardo, Aguiar, Rui de Matos), com a aprovação de todos os operários.

Decorridos 11 dias após o início da Greve, a situação dos 1800 operários da MESSA, sendo a sua esmagadora maioria mulheres, permanece na mesma. A administração ainda não deu qualquer resposta.

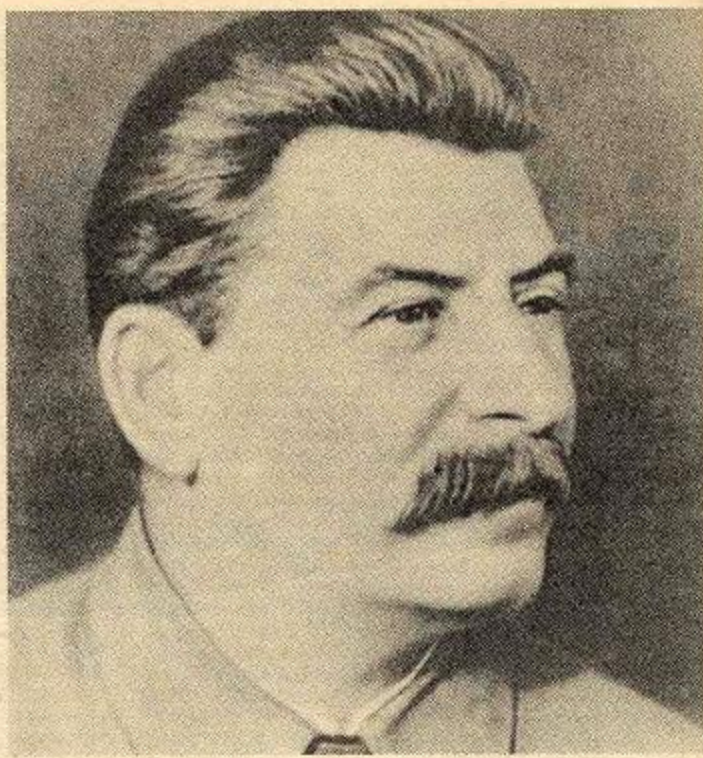
Quando 6.ª-feira se conheceu o resultado das negociações do Sindicato com o Grémio dos operários decidiram, por votação, repudiar este resultado, continuando a Greve.

Durante todo este tempo têm-se realizado diversos comícios; saíram já 2 jornais elaborados pelos próprios operários.

QUE VIVA ESTALINE!

Resolução do Comité Lenine a propósito do XX aniversário da morte do grande Estaline.

Outono de 1972



1 — O DIA 5 de Março do próximo ano de 1973 marca o vigésimo aniversário da morte do grande Estaline.

É com o mais profundo respeito pelo eminente camarada J. V. Estaline que a classe operária portuguesa, os marxistas-leninistas, o proletariado e os povos revolucionários de todo o mundo vivem essa data, exprimem a sua imensa dor pela perda de um dos seus maiores líderes e assumem a determinação inabalável de lutar, seguindo o caminho, o exemplo e a bandeira de Estaline, até à vitória final.

2 — ESTALINE foi, após a morte de Marx, de Engels e de Lenine, o grande dirigente do movimento comunista internacional, o grande educador do proletariado e dos povos oprimidos do mundo inteiro.

Estaline salvaguardou, desenvolveu e continuou a causa do leninismo na luta sem quartel contra os inimigos de classe tanto do interior como do exterior da União Soviética e contra os oportunistas de direita e de "esquerda" no seio do Partido Bolchevique.

3 — FOI sob a direcção de Estaline que o povo soviético avançou vitoriosamente na via do socialismo e erigiu o primeiro Estado socialista do mundo;

Foi sob a direcção de Estaline que o povo soviético desmantelou dezenas de complots imperialistas e esmagou os trotskistas, os bukarinistas, e os kulaks enquanto classe;

Foi sob a direcção de Estaline que o povo soviético pôs de pé uma formidável indústria pesada e realizou a colectivização da agricultura;

Foi sob a direcção de Estaline que o povo soviético, fazendo prova dum heroísmo lendário, se tornou, durante a Segunda Guerra Mundial, o principal oreiro da vitória sobre a agressão fascista e nazi e obteve magníficos sucessos que ficarão para sempre imortais na história da humanidade;

Foi sob a direcção de Estaline que o povo soviético transformou a sua pátria, relativamente atrasada do ponto de vista do desenvolvimento económico, numa força colossal;

Foi sob a direcção de Estaline que se criou o poderoso campo socialista.

4 — AINDA em vida do grande J. V. Estaline, o camarada Mao Tsé-tung, aplicando a teoria marxista-leninista, resolveu de maneira criadora os problemas fundamentais da revolução chinesa e dirigiu o povo chinês nas lutas e guerras revolucionárias mais longas, mais encarniçadas, mais duras e mais complexas da história da revolução mundial proletária e conduziu a revolução popular à vitória num grande país do Oriente, como é a China. Essa é a maior vitória da revolução mundial proletária, depois da revolução de Outubro.

5 — A HISTÓRIA, porém, é plena de vicissitudes; e o caminho da Revolução não é nem recto nem plano, mas sinuoso, semeado de obstáculos, cheio de curvas e contracurvas.

É assim que hoje — 55 anos após o triunfo da grande Revolução Socialista de Outubro; 50 anos após a fundação da grande União Soviética e 20 anos após a morte do grande Estaline — é assim que hoje, o proletariado e o povo soviéticos, explorados, amordaçados e oprimidos, espoliados de todas as suas conquistas revolucionárias, assumem a determinação de celebrar Estaline, ainda que o tenham de fazer, tal como o proletariado e o povo português, nas condições duma luta ilegal e clandestina.

6 — NO XX CONGRESSO do Partido Comunista da União Soviética, que se realizou em Fevereiro de 1956, o grupo de Krouchtchev, após três anos de preparativos, lançou um violento ataque de surpresa contra os princípios fundamentais do marxismo-leninismo e contra a linha geral marxista-leninista seguida pelo Partido

Comunista da União Soviética sob a direcção de Estaline.

7 — RECORRENDO às invenções e calúnias mais torpes e baseando-se em "documentos" e declarações de elementos hostis ao socialismo, Krouchtchev, através do seu famigerado "relatório secreto" — que ele, em breve, faria chegar discretamente às mãos da CIA, para que o publicasse! — Krouchtchev denegria a via gloriosa seguida pelo Partido Bolchevique depois da morte de Vladimir Ilitch Lenine, definindo-a como uma via "esmaltada de erros, de graves alterações e de crimes monstruosos".

Ao mesmo tempo, atribuía a Estaline a responsabilidade desses pretensos erros, crimes e alterações, acusando-o de "arbitrariedade feroz", de "ruptura com a vida e a realidade", etc., e qualificando-o, entre outras injúrias, de "déspota", de "terrorista" e de "inculto". Enquanto isto, Krouchtchev expulsara e encarcerara os autênticos quadros bolcheviques do Partido e reabilitava os inimigos do regime socialista, já condenados como agentes notórios do imperialismo.

8 — ANALISANDO este pérfido ataque de Krouchtchev, numa altura em que a verdadeira face desse renegado apenas começava a desenhar-se à luz do dia, o camarada Mao Tsé-tung indicou duma maneira penetrante, na sua Alocução perante a Segunda Sessão Plenária do Comité Central do Partido Comunista da China, em 15 de Novembro de 1956: "Na minha opinião há duas 'espadas': uma é Lenine e a outra, Estaline. Essa espada que é Estaline, os Russos regatearam-na agora. Esta espada que é Lenine não foi também algo regateada por certos dirigentes soviéticos? Penso que ela o foi numa larga medida."

9 — DE FACTO, o XX Congresso e o "relatório secreto" constituem o último acto, o coroamento dum golpe de Estado contra-revolucionário preparado desde a morte de Estaline, golpe que transformou a ditadura do proletariado em ditadura da burguesia e quem substituindo o socialismo, restaurou o capitalismo na União Soviética.

Krouchtchev — um responsável que, dissimulado no seio do Partido Comunista da União Soviética, seguia a via capitalista — é, conjuntamente com outros elementos revisionistas, o executor-chefe deste golpe, pelo qual a burguesia logrou usurpar a direcção do Partido e do Estado soviéticos.

10 — DO PONTO de vista da luta de classes ao nível mundial e, nomeadamente, no que concerne à contradição que opõe os países socialistas aos países imperialistas, a restauração do capitalismo e da ditadura da burguesia na União Soviética, representa uma derrota temporária para as forças do socialismo e uma vitória, também temporária, para as forças do imperialismo e da reacção.

O proletariado, porém, instruído pelos erros e reveses do passado e orientado pela teoria sempre jovem do marxismo-leninismo, está apto a criar as condições que transformam uma derrota passageira numa vitória duradoura e de significado ainda maior.

11 — O OBJECTIVO confessado do imperialismo em relação ao País dos Sovietes sempre foi, desde o triunfo da grande Revolução Socialista de Outubro, o de destruir a ditadura do proletariado e restaurar a ditadura do capital. Para alcançar este objectivo, os imperialistas começam por seguir uma política de intervenção e agressão militar directas.

Mas a União Soviética, sob a direcção de Lenine e de Estaline, era uma fortaleza inexpugnável. Nem a intervenção armada de catorze países, nem a rebelião da guarda branca, nem os ataques de milhares de soldados das bordas hitlerianas, nem as inúmeras sabotagens e tentativas de subversão, nem o bloqueio e cerco dos imperialistas foi capaz de tomar essa fortaleza.

12 — O TERMO da Segunda Grande Guerra trouxe uma modificação radical na relação de forças no mundo, com vantagem para o socialismo. As contradições entre o campo imperialista e reacçãoário, por um lado, e o campo socialista e democrático, por outro, agudizaram-se como nunca.

A União Soviética, a despeito de ter sofrido perdas humanas e materiais mais pesadas do que qualquer outro país, saiu, todavia, daquela guerra politicamente e militarmente mais poderosa. A sua autoridade e o seu prestígio internacional haviam-se acrescido consideravelmente.

O objectivo final do imperialismo — agora capitaneado pelo imperialismo americano — continuou a ser o mesmo de sempre em relação aos países socialistas e, em particular, em relação à União Soviética.

13 — PORÉM, o camarada Mao Tsé-tung, fazendo o balanço da situação mundial à saída da Segunda Grande Guerra e analisando a política do imperialismo, afirmou, numa entrevista concedida em Agosto de 1946: "Os Estados Unidos e a União Soviética estão separados por uma zona muito vasta, que engloba numerosos países capitalistas, coloniais e semi-coloniais na Europa, na Ásia e na África. Enquanto os reacçãoários americanos não tiverem submetido estes países, um ataque contra a União Soviética está fora de questão."

E, na verdade, o imperialismo americano servia-se da "cruzada" anti-soviética como duma cortina de fumo, atrás da qual ia agredindo e submetendo os povos da vasta zona intermédia.

14 — AO MESMO TEMPO que punha em prática esta linha de agressão e sujeição económica, política e militar, o imperialismo mundial, após a morte de Estaline, prosseguiu na União Soviética uma política de "evolução pacífica" por intermédio da clique dos renegados revisionistas, julgando assim poder escapar à sua perda.

O golpe de Estado contra-revolucionário de Krouchtchev e respectiva camarilha constitui o coroamento desta política imperialista de "evolução pacífica".

Tal como Estaline disse — na História do Partido Comunista (bolchevique) da URSS —, "é do interior que mais facilmente se tomam as fortalezas". E, de facto, o golpe de Krouchtchev desempenhou um papel que os imperialistas, por si sós, não podiam nunca desempenhar.

15 — COMO é que o capitalismo pôde ser restaurado na União Soviética, primeiro Estado socialista do mundo?

É à luz do maísmo — o marxismo-leninismo da nossa época, da época em que o imperialismo se precipita para a ruína total e o socialismo avança para a vitória no mundo inteiro — é à luz do maísmo que devemos examinar e resolver esta e outras questões de transcendente importância e actualidade para a classe operária de todos os países.

O camarada Mao Tsé-tung procedeu a um balanço completo da experiência histórica da ditadura do proletariado nos seus aspectos positivos e negativos herdou, defendeu e desenvolveu a teoria marxista-leninista da revolução proletária e da ditadura do proletariado, formulou a grande teoria da continuação da revolução sob a ditadura do proletariado e resolveu, assim, teórica e praticamente, o mais importante problema da nossa época, a saber: a consolidação da ditadura do proletariado e a prevenção da restauração do capitalismo, de modo a levar até ao fim a revolução proletária.

16 — "A SOCIEDADE socialista estende-se por um assaz longo período histórico, no decurso do qual continuam a existir classes, contradições de classes e luta de classes, da mesma maneira que a luta entre a via socialista e a via capitalista e bem assim o perigo duma restauração do capitalismo" — disse o camarada Mao Tsé-tung, em 1962.

Na sociedade socialista também o centro

da luta de classes continua a ser a questão do poder político. A este respeito, o camarada Mao salientou: "Os representantes da burguesia que se infiltraram no Partido, no governo, no exército e nos diferentes sectores do domínio cultural, constituem uma séria ameaça à revolução socialista. Se a ocasião se lhes apresentasse, eles arrancariam o poder e transformariam a ditadura do proletariado em ditadura da burguesia."

17 — É ASSIM QUE, na União Soviética, mesmo após a Revolução de Outubro que arrancou o poder à burguesia e instaurou o poder proletário — é assim que na União Soviética as classes, as contradições de classes e a luta de classes não deixaram nunca de existir.

Tanto no tempo de Lenine como no tempo de Estaline, essa luta de classes sob a ditadura do proletariado assumiu, por vezes, formas extremamente encarniçadas. Um certo número de elementos contra-revolucionários, representantes da burguesia destronada e do imperialismo, infiltrou-se no seio do Partido Bolchevique e na direcção do Estado soviético e procedia aí a toda uma espécie de preparativos e de manobras no sentido de — tal como Lenine o havia previsto em "A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky" — transformar a "esperança duma restauração" do capitalismo em "tentativas de restauração".

18 — É CERTO que o glorioso Partido Bolchevique, sob a direcção do camarada Estaline, eliminou pronta e resolutamente os principais representantes dessa camarilha contra-revolucionária, tais como Trotsky, Zinoviev, Kamaenev, Bukarine e Rykov.

Todavia, a União Soviética, porque era o primeiro país de ditadura do proletariado, não dispunha ainda de suficiente experiência para resolver correcta e completamente, tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista prático, a magna questão de saber consolidar a ditadura do proletariado, prevenir a restauração do capitalismo e levar a revolução socialista até ao fim.

Foi nestas circunstâncias que Krouchtchev e respectiva clique revisionista lograram, após a morte de Estaline, usurpar a direcção do Partido e do Estado e converter as suas esperanças de restauração do capitalismo em realidade de facto.

19 — MAS a classe operária aprende tanto com as suas derrotas como com as suas vitórias e, num certo sentido, aprende mesmo mais com os seus reveses do que com os seus êxitos.

Extraíndo as lições da História, o maísmo ensinou aos operários de todos os países que, para consolidar a ditadura do proletariado e prevenir a restauração do capitalismo, a classe operária deve fazer a revolução socialista tanto na frente económica como na frente política, ideológica e cultural e exercer em toda a linha uma ditadura sobre a burguesia também nos domínios da superestrutura, incluindo os vários sectores da cultura.

20 — POR OUTRO LADO, na continuação da revolução sob a ditadura do proletariado é absolutamente indispensável que, não apenas os militantes e quadros do partido, mas também as amplas massas do povo assimilem o marxismo-leninismo-maísmo e saibam manejar eles próprios essa arma poderosíssima, de modo a serem capazes de distinguir por si mesmos o certo do errado, a linha revolucionária da linha revisionista, a via socialista da via capitalista, o verdadeiro marxismo-leninismo-maísmo do pseudo "marxismo-leninismo-maísmo" — e isto para garantir que o país avance sempre pela linha revolucionária.

21 — A GRANDE Revolução Cultural Proletária, iniciada e dirigida pessoalmente pelo camarada Mao Tsé-tung, representou uma nova etapa, ainda mais profunda e mais ampla, do desenvolvimento da revolução socialista na China. Porém, a sua significação não é meramente local, mas verdadeiramente universal. A Grande Revolução Cultural Proletária da China constitui uma aplicação e confirmação práticas, de transcendente significado histórico, da correcção e verdade científicas das brilhantes teses do camarada Mao Tsé-tung para todo o período em que durar a ditadura do proletariado.

22 — APOS o golpe de Estado contra-revolucionário da camarilha dos renegados revisionistas soviéticos, Krouchtchev, ao mesmo tempo que se dedicava à tarefa interna de consolidar o poder político e económico da burguesia soviética, procura impor aos demais partidos comunistas as teses peçonhentas e anti-proletárias aprovadas no XX Congresso do PCUS.

Para este efeito, Krouchtchev contava beneficiar tanto do efeito de surpresa com que tinha desferido o seu golpe, como do imenso caudal de simpatia, prestígio e autoridade de que justamente gozavam o Partido Bolchevique e a União Soviética sob a direcção de Lenine e Estaline.

23 — CONTUDO, os verdadeiros comunistas de todos os países não se deixaram colher pela surpresa do ataque de Krouchtchev nem se atemorizaram com o facto de terem de desmascarar os traidores infiltrados no glorioso partido de Lenine e Estaline.

A tarefa inadiável que se colocou aos verdadeiros comunistas de todo o mundo, no seio do Movimento Comunista Internacional e no seio dos seus próprios partidos, era a de salvaguardar e continuar o marxismo-leninismo e combater com determinação o revisionismo da renegada camarilha soviética. Ao fazê-lo, os marxistas-leninistas de todos os países prestavam — e prestaram — um sincero, internacionalista e fraternal apoio ao proletariado e ao povo soviéticos.

(continua na pág. 7)